

BOLETIM

INDICADORES ECONÔMICOS- FISCAIS

Setembro | 2023



GOVERNO DE

SANTA CATARINA

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO



O Boletim de Indicadores Econômico-Fiscais de Santa Catarina é uma publicação online e mensal da Secretaria de Estado do Planejamento (SEPLAN), compartilhando dados quantitativos e qualitativos do desempenho da economia catarinense.

Jorginho Mello

Governador de Santa Catarina

Marilisa Boehm

Vice-Governadora de Santa Catarina

Edgard Usuy

Secretário de Estado do Planejamento (SEPLAN)

Lucas Amancio

Secretário Adjunto de Estado do Planejamento (SEPLAN)

Adauto Viccari Junior

Diretor de Planejamento Estratégico

Paulo Zoldan

Coordenador do Boletim de Indicadores Econômicos e Economista

Sumário

Conheça a Economia Catarinense	04
Apresentação	05
Resumo Executivo : PIB CATARINENSE CRESCE ACIMA DA MÉDIA	06
1. Quadro Resumo	10
2.Receita Corrente Líquida - RCL	11
3.Receita Tributária	12
4.Receita Líquida Disponível	13
5.Outros Indicadores Fiscais	14
6. Indicadores da Dívida e do Resultado Primário do Estado	15
7. Nível da Atividade da Economia Catarinense	16
7.1 Produto Interno Bruto e Valor Adicionado Bruto por Setor	
7.2. Produção Agropecuária - Produção e Preços dos Principais Produtos	
7.3. Produção Industrial Física	
7.4. Volume e Receita Nominal das Vendas do Comércio Varejista Ampliado	
7.5. Volume de Serviços	
7.6. Empresas Ativas, Constituídas e Baixadas em Santa Catarina	
7.7. Vendas de Derivados de Petróleo, Cimento, Veículos e Consumo de Energia Elétrica	
7.8. Mercado de Trabalho	
7.9. Comércio Exterior	
7.10. Índice de Confiança	
7.11. Desempenho dos Estados	
8. Outros Indicadores Econômicos - Inflação e Taxa de Câmbio	27
9. Economia Internacional	28

Nota explicativa

A SEPLAN não é a fonte primária das informações disponibilizadas neste Indicador de Conjuntura, apenas consolida e organiza as informações econômicas a partir de dados de conhecimento público, cujas fontes primárias são instituições autônomas, públicas ou privadas.



Conheça a Economia Catarinense

Somos aproximadamente 7,482 milhões de habitantes que estão dispersos em uma área de 95,7 mil km². Nossa força de trabalho no segundo trimestre de 2023 foi estimada em 4,086 milhões de pessoas, sendo que 96,5% delas estavam ocupadas. Em relação ao trimestre anterior, o número de pessoas ocupadas aumentou 1,4%, e quanto ao mesmo trimestre de 2022, houve um discreto recuo de 0,02% ou 1 mil pessoas a menos. Dos 3,943 milhões de ocupados, 56,6% estavam empregados no setor privado (88,1% com carteira assinada, o maior percentual do país); 3,7% eram trabalhadores domésticos; 9,3% empregados no setor público; 4,8% eram empregadores; 24,3% trabalhavam por conta própria. Os trabalhadores familiares auxiliares representam outros 1,2% da população ocupada.

Do total de catarinenses ocupados, 23,8% tinham seu trabalho principal na indústria geral; 18,5% no comércio; 14,3% na administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais; 11,2% nos serviços de informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas; 7,6% na agropecuária, florestas e pesca; 6,8% na construção; 5,4% nos transportes, armazenagem e correio; 4,8% em outros serviços; 3,8% em serviços de alojamento e alimentação; 3,7% nos serviços domésticos.

A taxa de desocupação no Estado está em 3,5%, a terceira menor do país, cuja média é 8%. A taxa teve redução de 0,3 ponto percentual (p.p.) ou 12 mil pessoas desocupadas a menos na comparação com o primeiro trimestre de 2023. Na comparação com o segundo trimestre de 2022, a taxa catarinense caiu 0,4 p.p. ou 17 mil pessoas desocupadas a menos. Atualmente são 143 mil pessoas desocupadas. Os trabalhadores na informalidade totalizaram 1,049 milhão de pessoas, representando 26,6% das pessoas ocupadas, percentual que se manteve como o menor entre os estados, cuja média é de 39,2%. A taxa estadual de subutilização da força de trabalho ampliada caiu 0,1 p.p., para 6,3%, representando 260 mil pessoas subutilizadas. É a menor taxa do país, cuja média é de 17,8%. O percentual de pessoas desalentadas cresceu 0,1 p.p., em relação ao trimestre anterior, para 0,4% ou 4 mil pessoas a mais nessa condição, totalizando 18 mil pessoas, sendo também o menor percentual do país, cuja média é 3,3%.

valor de R\$ 3.238, foi levemente inferior ao trimestre anterior, mas cresceu 4,6% em relação ao segundo trimestre de 2022. O rendimento médio nacional foi R\$ 2.921 no trimestre.

A massa de rendimento mensal habitual recebida de todos os trabalhos pelas pessoas ocupadas em Santa Catarina foi de R\$ 12,6 bilhões no 2º trimestre de 2023, um crescimento de 4,8% frente ao segundo trimestre de 2022. Santa Catarina tem a sexta maior massa de rendimento mensal real habitual.

Frente ao impacto da pandemia, nosso Produto Interno Bruto (PIB) teve uma retração de 2,9% em 2020, sendo estimado em R\$ 349,3 bilhões, o sexto maior do país, sendo que o PIB per capita de R\$ 48.159 era o quarto maior. Em 2021, estimávamos um crescimento do PIB de 8,7% para o Estado, e em 2022, de 3%. Em 2022, nossas exportações atingiram um recorde de US\$ 11,966 bilhões ou 3,6% do total nacional. Nossa localização estratégica e competitividade tarifária e portuária nos posiciona como o segundo maior estado importador com 10,6% do total em 2022 ou US\$ 28,990 bilhões.

Diversidade cultural e produtiva, desenvolvimento territorial e humano e um extraordinário potencial de crescimento econômico são características que diferenciam nosso Estado e nos colocam como o segundo mais competitivo do país. Aqui encontram-se os melhores indicadores sociais e econômicos do Brasil.

Veja mais detalhes nos estudos e estatísticas produzidos pela Secretaria de Estado do Planejamento (SEPLAN) e acompanhe o **Boletim Mensal de Indicadores Econômico-Fiscais de Santa Catarina**. (<https://www.seplan.sc.gov.br/planejamento-estrategico/indicadores-e-boletins-economicos/>)



Apresentação

O *Boletim de Indicadores Econômico-Fiscais de Santa Catarina* apresenta dados e informações da economia do Estado. O boletim reúne as mais recentes estatísticas econômicas oficiais, abrangendo informações sobre o PIB, emprego, balança comercial, produção agrícola e industrial, volume de vendas e receitas do comércio, consumo de energia elétrica, consumo aparente de cimento, vendas de óleo diesel, inflação e câmbio e expectativas de agentes econômicos. Aborda também a evolução dos dados fiscais do governo estadual, entre os quais as receitas e despesas, evolução da dívida, dos gastos com pessoal, do resultado primário e nominal, entre outros indicadores do governo e da economia estadual.

Os dados são atualizados mensalmente propiciando o monitoramento do nível da atividade econômica do Estado, sua comparação com o país e o delineamento das tendências em curto prazo da economia. Além da atualização desses indicadores, o boletim apresenta os dados oficiais do PIB estadual de 2020, o último divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)/Secretaria de Estado do Planejamento (SEPLAN) e uma estimativa preliminar para os anos de 2021 e 2022. Também divulgamos trimestralmente uma estimativa do PIB de Santa Catarina referente ao período de doze meses, relativos ao mesmo período anterior, sendo que o último apresentado nesse boletim se refere ao período encerrado em junho de 2023.

Nesta edição, no artigo de abertura, apresentamos uma abordagem sobre a evolução do PIB catarinense nos últimos doze meses encerrados em junho passado sob o mesmo período anterior.

Traz também a atualização dos principais indicadores da economia, entre eles, os últimos indicadores fiscais do governo estadual, divulgados pela Secretaria de Estado da Fazenda de Santa Catarina.

Espera-se que os dados e as informações aqui apresentados tragam suporte à tomada de decisões estratégicas de agentes públicos e privados.



PIB CATARINENSE CRESCE ACIMA DA MÉDIA

Após um início de ano marcado por conflitos políticos e incertezas na economia, o Brasil teve um segundo trimestre de maior normalidade institucional. Agendas e rotinas técnicas e políticas se voltaram a um esforço para destravar gargalos que vem impedindo um crescimento mais robusto e sustentável da economia brasileira.

Ainda que a economia tenha se mostrado bastante resiliente nesse período, os juros limitaram (e continuam limitando) o crescimento. Além do crédito caro, o endividamento das famílias brasileiras (e catarinenses) se encontra em patamares recordes e se constitui em mais um entrave para a expansão do consumo. Segmentos do comércio dependentes de crédito são os mais impactados e contribuíram para aprofundar a retração da produção industrial.

A desaceleração da economia mundial nesse ano também foi outro fator limitante ao crescimento do Brasil. Retração essa influenciada especialmente pela China, mas também por diversas economias avançadas que na busca por conter processos inflacionários, elevaram suas taxas básicas de juros, assim como ocorreu no Brasil. Segundo o Relatório do FMI de julho, das Perspectivas Econômicas Mundiais, o comércio mundial deverá passar de uma alta de 5,2% em 2022 para 2% em 2023. Os preços das matérias primas no mercado internacional tiveram queda generalizada nesse período.

Mas, no segundo trimestre, as perspectivas e o humor do mercado no Brasil tiveram melhora. A inflação deu claros sinais de desaceleração e ajudou a melhorar a confiança na economia, ainda que os juros se mantivessem em patamares elevados. Mesmo com o início de queda dos juros no segundo semestre, seu efeito somente deverá impactar a economia real, no último quadrimestre do ano e adiante, a depender da intensidade dessa queda.

Também contribuiu para melhorar o ambiente econômico a aprovação do novo arcabouço fiscal, implementado com vistas a organizar as contas públicas em direção a geração de superávits. Contas organizadas e sob controle contribuem para reduzir incertezas e melhorar as expectativas dos agentes econômicos, empresários e consumidores. Espera-se que o arcabouço atinja esses objetivos.

Outra agenda econômica de destaque do primeiro semestre foi o encaminhamento ao Congresso Nacional da reforma tributária, tão esperada pelos empresários, e que deverá elevar a confiança e melhorar significativamente o ambiente de negócios no País. Da mesma forma, a valorização de programas sociais como o salário mínimo e os programas de transferência de renda deverá ter impacto na renda e estimular o consumo das famílias, especialmente nos estratos inferiores de renda que constituem a grande massa de consumo do País. Também a implementação do programa de renegociação das dívidas está proporcionando um certo fôlego ao restrito orçamento das famílias brasileiras.

Com isso, a economia brasileira ainda que aquém do ideal, teve um desempenho que superou as expectativas do início do ano. As projeções iniciais de crescimento da economia para esse ano foram revisadas diversas vezes e sempre para cima. A previsão do Banco Central (Boletim Focus) para o crescimento do PIB para esse ano está agora em 2,56%, revisadas para cima após a divulgação do PIB do segundo trimestre. Alguns bancos e instituições financeiras já vinham apostando em até 3% e agora provavelmente vão revisar seus cenários. De toda a forma, os juros em patamares restritivos, mesmo que em queda, deverão conter o ritmo da atividade econômica no segundo semestre.

Assim sendo, os resultados do PIB do Brasil, divulgados nesse início de setembro pelo IBGE, mais uma vez surpreenderam e vieram acima das expectativas.

O PIB cresceu 0,9% no segundo trimestre de 2023, ante o trimestre anterior, na série com ajuste sazonal. A média das expectativas apontava crescimento de 0,3% nessa comparação. E frente ao mesmo trimestre de 2022, cresceu 3,4%. No acumulado dos quatro trimestres terminados em junho de 2023, o PIB cresceu 3,2%, ante os quatro trimestres imediatamente anteriores.

Portanto, a economia brasileira está rodando a uma taxa anual de crescimento de 3,2%, ligeiramente abaixo dos 3,3% registrados no primeiro trimestre nessa mesma comparação. Nessa comparação, a agropecuária cresceu 11,2%, a indústria total, 2,2%, e os Serviços cresceram 3,3%.

Dentre as atividades industriais, a Eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos (+8,1%), as Indústrias Extrativas (+3,5%) e a Construção (+2,9%) se expandiram. Já a Indústrias da Transformação (0,0%) permaneceu estável.

Nos Serviços, houve resultado positivo em todas as atividades: Outras atividades de serviços (+6,2%), Transporte, armazenagem e correio (+5,6%), Informação e Comunicação (+5,6%) Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados (+3,9%), Atividades imobiliárias (+3,0%), Comércio (+1,5%) e Administração, defesa, saúde e educação públicas e seguridade social (+0,8%).

E a economia catarinense segue apresentando um crescimento expressivo, atestando sua competitividade. Ainda que tenha desacelerado entre o primeiro e o segundo trimestre, quando o crescimento na comparação de doze meses passou de 5% para 4,2%, manteve um desempenho acima da média brasileira, condição que vem se mantendo desde 2016.

De forma geral, a agricultura catarinense vem apresentando um excelente resultado em 2023. Sem problemas climáticos relevantes, a produtividade avançou e permitiu uma alta do quantum agrícola de 17,2%.

Entre as principais culturas destacou-se o avanço da soja (safra recorde), do milho, trigo e cebola. A rizicultura enfrentou alguns problemas, mas também teve uma boa safra. O feijão passa por gradual redução da área devido à suscetibilidade da cultura a adversidades climáticas, enquanto ganha espaço o milho e a soja, de maior rentabilidade.

A produção pecuária teve mais um ano de crescimento. O quantum dos dados anualizados até junho de 2023, relativos ao mesmo período anterior, cresceu 3,5%, onde o destaque foi a produção suína (+6,9%). Esse deverá ser o quinto ano consecutivo de alta na pecuária.

A indústria de transformação catarinense dá alguns sinais de recuperação, mas ainda enfrenta grandes dificuldades. Nos últimos 12 meses até junho retraiu 3,9%. A média brasileira teve crescimento nulo no mesmo período (0,0%).

A indústria estadual sofre o impacto da retração do mercado nacional, o principal destino da sua produção. Juros altos e endividamento elevado das famílias, entre outros problemas explicam as dificuldades. O arrefecimento da inflação e o estímulo dos programas de transferência de renda trazem alívio para alguns segmentos, mas não o suficiente para impactar o setor como um todo.

Segundo a Fiesc, a indústria estadual enfrenta uma menor demanda nacional por bens intermediários. Os juros impactaram as indústrias de bens de capital e de automóveis. Também a menor demanda por insumos para a construção civil fez recuar a produção de minerais não metálicos. Outros segmentos dependentes de crédito como os de móveis, têxteis e vestuário também enfrentam retração.

Por outro lado, as exportações favoreceram a produção de máquinas e equipamentos; a alta nas vendas de eletrodomésticos de pequeno porte, atenuaram a retração do segmento de máquinas elétricas; e o cenário positivo do segmento de embalagens para alimentos, o de produtos de borracha e material plástico. Mas não foi suficiente para compensar a retração dos demais.

Assim, no comparativo de 12 meses (até junho), os únicos segmentos industriais que estão crescendo são o de Produtos Alimentícios (+3,8%), o de Máquinas e Equipamentos (+2%) e o de Borracha e Material Plástico (+0,9%). Os que mais retraíram no período foram os de Produtos de Madeira (-16,8%); Fabricação de Produtos Minerais não-metálicos (-14,9%); Têxtil (-8,7%); Vestuário (-8,5%); Metalurgia Básica (-6,4%); Máquinas e Aparelhos Elétricos (-5,6%). O segmento Automotivo retraiu 1%.

Com o crédito caro e restrito e com o baixo aporte de investimentos públicos, a construção civil também encontra dificuldades de expandir o crescimento. Mas as perspectivas estão mudando. Segundo a SNIC, a economia dá sinais de recuperação e com isso, a confiança do consumidor e as expectativas para os próximos meses são de retomada do ciclo imobiliário assim como da infraestrutura pública.

O setor de serviços é o maior da economia, o que mais gera empregos e tem sido o principal motor da economia. Após passar por um longo período de retração nos pós pandemia, sendo o último a sair da crise, agora apresenta um crescimento robusto. Em boa medida, esse crescimento é atribuído não somente a dinâmica do mercado de trabalho, mas também a mudanças na demanda que direcionou parte do consumo das famílias de bens industriais para diversas atividades de serviços.

O volume de serviços no estado atingiu recordes da série histórica nesse ano e encontra-se 27,9% acima do patamar pré-pandemia (fev/2020). Nacionalmente, encontra-se 12,1% acima daquele patamar. Entre março e junho acelerou o crescimento no Estado de 5,4% para 5,8%.

O comércio é o maior subsetor dos serviços, vem desacelerando desde o início de 2022, mas ainda assim, cresceu 2% no período, também acima da média do País (+1,1%). Com juros elevados, endividamento recorde das famílias, fechamento de grandes redes varejistas e incertezas econômicas, o comércio encontra dificuldades de manter-se crescendo. Mesmo o arrefecimento da inflação, a expansão dos programas sociais e o bom desempenho de segmentos como o agronegócio, o comércio exterior e o turismo, não foi o suficiente para dinamizar o setor.

As dificuldades de expansão do consumo são mais evidentes nos segmentos dependentes de crédito, como o de Tecidos, Vestuário e Calçados (-12,1%), de Móveis e Eletrodomésticos (-2,2%) e de Materiais de Construção (-11,1%). O mercado de veículos (+3,2%) se recupera lentamente, após um longo período de retração. E o de Combustíveis e Lubrificantes (+21,7%) foi favorecido pela dinâmica do segmento de transportes e pela mudança na política de preços no ano passado.

Os Serviços Prestados as Famílias que inclui arte, cultura, esportes, recreação e outros, cresceram 14,1%. O segmento de transportes (+8,4%) também acelerou e cresceu acima da média do setor de serviços. Alojamento e alimentação, atividades imobiliárias e aluguel, saúde e educação mercantil cresceram abaixo da média do setor de serviços. Os serviços da administração pública estadual cresceram 13,3% no período. Já os segmentos dos serviços prestados as empresas retraíram 3,6%.

As exportações estaduais que atingiram dois recordes sucessivos em 2021 e 2022, agora dão sinais de perda de ritmo. Após crescerem 26,7% em 2021 e 16,2% em 2022, os embarques em junho na comparação de 12 meses, sob o mesmo período anterior, registraram alta de 3,9%, a décima desaceleração consecutiva nessa comparação.

As importações via portos catarinenses também atingiram recordes sucessivos em 2021 e 2022, mas perdem força ainda que a um ritmo menor que as exportações. Cresceram 54,9% em 2021 e 16,3% em 2022, elevando o estado ao posto de segundo maior em importações do País. Na comparação de 12 meses até junho, o valor importado cresceu 11,9%, confirmando uma tendência de queda também nessa comparação.

Depois de um período de forte crescimento, a geração de novos postos de emprego formal no Estado vem perdendo força. Na perspectiva de 12 meses até junho, a taxa de crescimento do emprego formal, de 2,8% e o saldo de 64,4 mil novos postos gerados no período, confirmam a tendência de desaceleração das contratações.

Assim, apesar das dificuldades apontadas, Santa Catarina vem despontando como um dos estados de maior crescimento no País. Com uma economia diversificada e um ambiente de negócios dos mais competitivos, o Estado mantém os melhores indicadores sociais e do mercado de trabalho do País.

As expectativas para o segundo semestre apontam para uma atividade econômica mais fraca, sobretudo devido as elevadas taxas de juros vigorantes. Mas aumentem as opiniões discordantes. Além de ser tradicionalmente um período de maior dinamismo econômico, a economia brasileira vem surpreendendo positivamente e poderá terminar o ano com um crescimento próximo ou até superior aos 3%. A provável continuidade da redução da taxa básica de juros poderá se somar aos benefícios do mercado de trabalho que vem se mostrando bastante dinâmico e com indicadores cada vez melhores. Também medidas de estímulo ao consumo das famílias e um possível aumento dos investimentos poderão ter um papel importante no avanço da atividade econômica no segundo semestre. E Santa Catarina certamente se beneficiará diante dessa melhora de cenário.

É importante ainda ressaltar que os resultados da estimativa do PIB estadual apresentados nesse texto, indica somente uma tendência da economia. Suas informações e resultados são preliminares e sujeitos a retificações, quando forem calculadas as Contas Regionais definitivas, em conjunto com o IBGE e as 27 Unidades da Federação.

Paulo Zoldan
Economista

Secretaria de Estado do Planejamento de Santa Catarina-SEPLAN

1. Quadro resumo

INDICADORES	Mês de Referência 2023/2022	Variação (%) acumulada em 12 meses (Base: 12 meses anteriores)				Mês/Mês Anterior (%)	Variação em relação ao mesmo período do ano anterior (%)		
							Mês	Acumulada no ano	Acumulada em 12 meses
Receita Corrente Líquida - RCL	Julho			6,3		- 2,8	10,1	1,2	6,3
Receita Tributária - RT	Julho			4,3		- 0,1	11,9	0,9	4,3
ICMS	Julho			0,4		- 0,4	9,7	- 3,6	0,4
Receita Líquida Disponível - RLD	Julho			4,3		- 1,7	8,8	0,1	4,3
PIB SC 2023 - Estimativa SEPLAN	Junho			4,2					4,2
Empregos com Carteira Assinada	Julho			2,6		0,1		2,7	2,6
Produção Industrial - Indústria de Transformação	Junho	-3,8				2,6	-1,2	-3,8	-3,8
Exportações	Julho			1,1		- 0,9	- 10,5	- 2,2	1,1
Importações	Julho			9,3		- 3,1	- 11,2	1,9	9,3
Volume de Vendas do Comércio Varejista Ampliado	Junho			2,0		0,6	2,8	4,1	2,0
Receita das Vendas do Comércio Varejista Ampliado	Junho			9,8		- 0,1	3,5	8,1	9,8
Volume de Serviços	Junho			8,7		0,8	12,7	11,0	8,7
Volume das Atividades Turísticas	Junho			15,0		- 2,6	3,3	9,9	15,0
Emplacamentos de Veículos Novos	Julho					- 1,2	28,3	21,5	14,4
Consumo Aparente de Cimento - 2022	Dezembro			1,9		- 23,9	- 13,0	1,9	1,9
Vendas de Óleo Diesel	Junho			1,5		- 7,0	5,8	1,0	1,5
Consumo de Energia Elétrica - Total	Junho			1,6		- 1,7	2,5	3,4	1,6
Inflação (IPCA/Brasil)	Julho			4,0		0,1		3,0	4,0
Câmbio (Real x Dólar Americano)	Agosto	-9,0				3,8	- 5,0	- 5,6	- 9,0

2. Receita Corrente Líquida -RCL (1)

RCL PERDE FÔLEGO MAS CRESCE ACIMA DA INFLAÇÃO

No acumulado de 2022, a RCL cresceu 23,2% e atingiu um valor nominal recorde de R\$ 38,3 bilhões. Esse valor foi resultado de um montante arrecadado de R\$ 56,7 bilhões em receitas correntes, das quais foram deduzidos R\$ 18,5 bilhões. A inflação oficial no ano passado foi 5,8%.

Mas em 2023, o crescimento da RCL perdeu fôlego. Em 12 meses até julho, o crescimento desacelerou para uma alta de 6,3%, na comparação com o mesmo período anterior. O crescimento portanto ficou bem abaixo daqueles 23,2% da mesma comparação até dezembro passado.

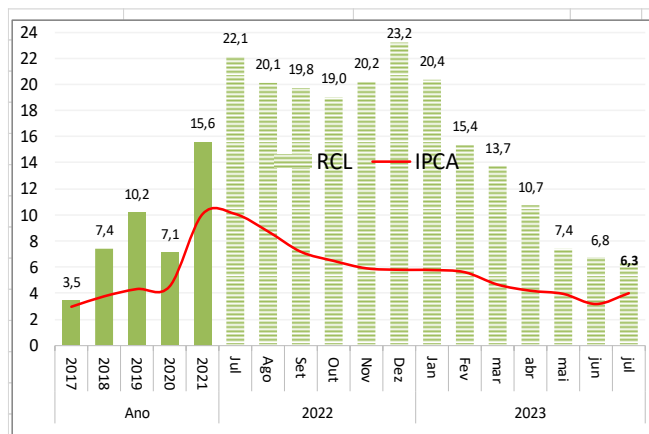
Em julho atingiu R\$ 3,384 bilhões, 2,8% abaixo do valor arrecadado em junho, mas foi 10,1% acima do valor do mesmo mês de 2022. Foi o segundo mês de alta consecutiva (e expressiva) nessa última comparação. No ano, a RCL acumula um crescimento de 1,2%, quando comparado com o mesmo período anterior. Foi a primeira variação positiva do acumulado nesse ano.

O crescimento das Receitas Correntes nesses últimos 12 meses até julho, de 6,3%, ocorreu como resultado do aumento de 4,3% da RT, de 4% nas Transferências Correntes e de 25,7% das Outras Receitas Correntes. As deduções tiveram um crescimento maior nesses últimos 12 meses, de 6,5%. A inflação nesse mesmo período foi 3,9%.

As Transferências Correntes, que representaram cerca de 15,7% das Receitas Correntes do Estado tiveram rápida desaceleração. Em julho retraíram 5,9% sob junho e no ano já acumulam retração nominal de 0,5%.

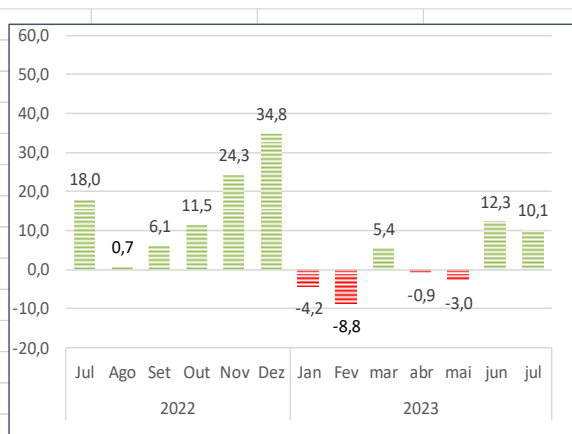
TAXA DE CRESCIMENTO ACUMULADA EM 12 MESES (%)

BASE:12 MESES ANTERIORES



VARIAÇÃO MENSAL (%)

BASE:MESMO MÊS DO ANO ANTERIOR



CRESCIMENTO (%) DA RCL POR TIPO DE RECEITA - JULHO

VAR. ACUMULADA 12 MESES

BASE:12 MESES ANTERIORES

VARIAÇÃO MENSAL (%)

BASE:MESMO MÊS DO ANO ANTERIOR

	(Base: igual período anterior)	Var.mensal (base: mesmo mês do ano anterior)
RECEITA CORRENTE LÍQUIDA (I - II)	6,3	10,1
RECEITAS CORRENTES 1 (I)	6,3	11,3
Receita Tributária (RT)	4,3	11,9
ICMS	0,4	9,7
IPVA	29,8	33,6
ITCMD	14,7	6,6
IRRF	24,1	5,7
Outras Receitas Tributárias	9,7	21,6
Transferências Correntes	4,0	16,6
Outras Receitas Correntes	25,7	-2,0
DEDUÇÕES (II)	6,5	13,7

Fonte: SEF-SC/GEINF - Sigef

(1) A RCL é o somatório das receitas tributárias, de contribuições, patrimoniais, industriais, agropecuárias, de serviços, transferências correntes e outras receitas também correntes, deduzidas as parcelas entregues aos municípios por determinação constitucional e a contribuição dos servidores para o custeio do seu sistema de previdência e assistência social e as receitas provenientes da compensação financeira citada no parágrafo 9o do Art. 201 da Constituição.

3. Receita Tributária -RT

RECEITA TRIBUTÁRIA (1)

DEMONSTRATIVO RESUMIDO DA RECEITA TRIBUTÁRIA

Receita Tributária, 2023 (em R\$ milhões)		
	JULHO	acum. 12 meses
Receita Tributária	3.832,99	42.896,13
ICMS	2.988,90	33.827,88
IPVA	368,95	3.608,21
ITCMD	70,59	894,81
IRRF	219,06	2.687,54
Outras	185,49	1.877,68

RECEITA TRIBUTÁRIA (1)

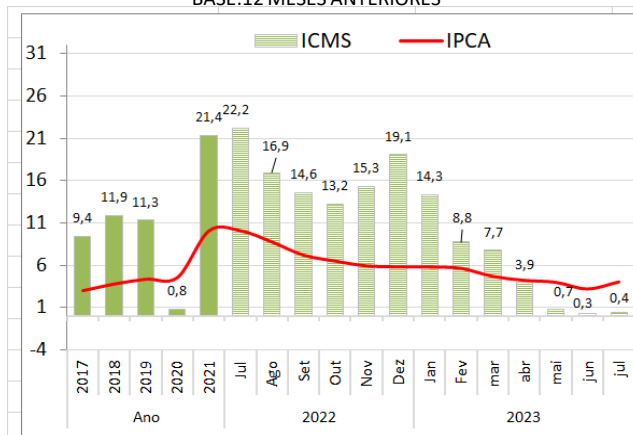
TAXA DE CRESCIMENTO ACUMULADA EM 12 MESES (%)
BASE: MESMO PERÍODO ANTERIOR



ICMS

TAXA DE CRESCIMENTO ACUMULADA EM 12 MESES (%)

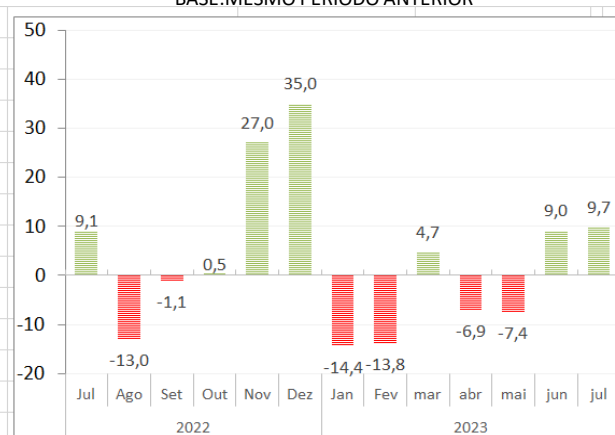
BASE: 12 MESES ANTERIORES



ICMS

TAXA DE CRESCIMENTO DO MÊS (%)

BASE: MESMO PERÍODO ANTERIOR



RECEITA TRIBUTÁRIA CRECE PELO SEGUNDO MÊS CONSECUTIVO

A receita tributária foi recorde em 2022 ao atingir R\$ 42,7 bilhões. Foram dois anos consecutivos de arrecadação recorde, mas a tendência atual, já iniciada no ano passado, é de acomodação do crescimento dessa receita.

A base alta de comparação, a retração da produção industrial, a inflação em queda e a redução de alíquotas do ICMS, que desde julho passado passou de 25% para 17% para combustíveis, energia e telecomunicações, explicam o forte impacto na taxa de crescimento dos tributos estaduais e a perda de fôlego da arrecadação.

Essa desaceleração observada na curva de crescimento dessa receita no período de doze meses (gráfico ao lado) teve início ao longo do ano passado, uma inversão no último bimestre do ano (movimento econômico típico de final de ano + base fraca de comparação), mas voltou a retrair nos seis primeiros meses de 2023. E em julho teve uma ligeira recuperação conforme se observa no gráfico ao lado.

A receita tributária de julho atingiu R\$ 3.832,9 bilhões, uma queda de 0,1% frente ao mês anterior. Em valores correntes, o total arrecadado ficou 11,9% maior do obtido no mesmo mês de 2022. Foi o segundo mês de alta expressiva nessa comparação. E acumula alta de 0,9% no ano, a primeira variação positiva no acumulado do ano e pode ser um indicativo de aceleração no segundo semestre, período em que a receita tende a ser maior.

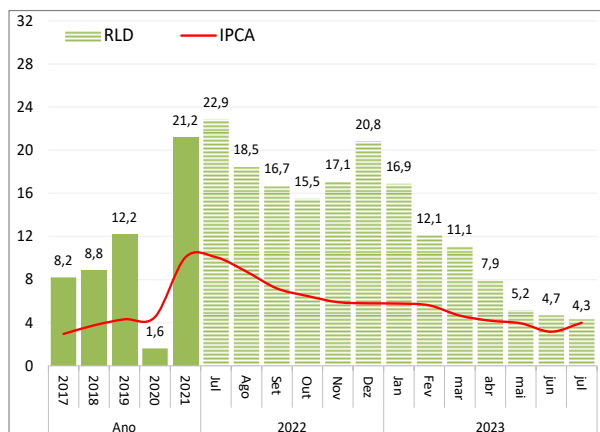
Segundo a SEF/SC, o bom desempenho dos setores de supermercados, do metalmeccânico, das grandes redes de varejo sustentaram o crescimento do mês. Também contribuiu a recente implantação do imposto único e uniforme para a gasolina, o diesel e o biodiesel em todo o País

Fonte: SEF-SC/Geinf-Sigef

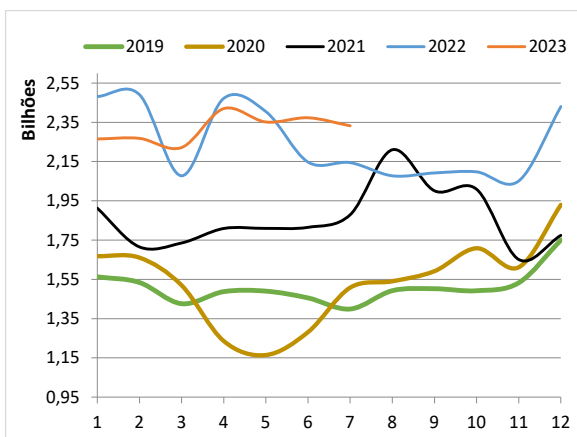
4. Receita Líquida Disponível -RLD

RECEITA LÍQUIDA DISPONÍVEL - RLD (1)

TAXA DE CRESCIMENTO ACUMULADA EM 12 MESES (%) BASE:12 MESES ANTERIORES

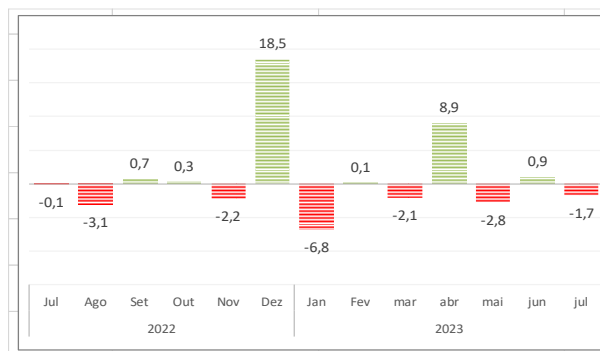


ARRECAÇÃO MENSAL (R\$ BILHÕES)



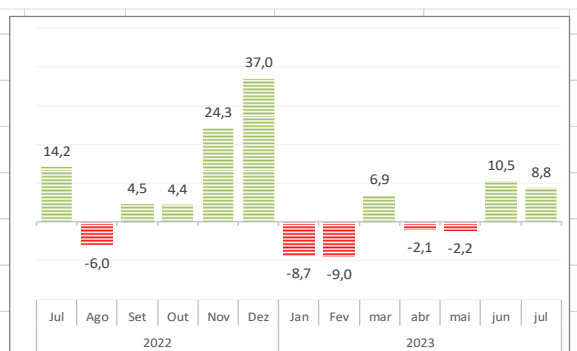
VARIAÇÃO MENSAL (%)

BASE: MÊS ANTERIORES



VARIAÇÃO MENSAL (%)

BASE: MESMO MÊS DO ANO ANTERIOR



Fonte: SEF-SC/(Sigef/SC)

(1) A RLD é a diferença entre as receitas correntes deduzidos os recursos vinculados provenientes de taxas que, por legislação específica, devem ser alocadas a determinados órgãos ou entidades, de receitas patrimoniais, indenizações e restituições do Tesouro do Estado, de transferências voluntárias ou doações recebidas, da compensação previdenciária entre o regime geral e o regime próprio dos servidores, da cota-parte do Salário-Educação, da cota-parte da CIDE, da cota-parte da Compensação Financeira de Recursos Hídricos e dos recursos recebidos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB.

RLD ACUMULA CRESCER 8,8% EM JULHO

A RLD de julho retraiu 1,7% frente a junho, mês em que havia crescido 0,9%, e atingiu R\$ 2,332 bilhões. Na comparação com julho de 2022 houve alta de 8,8% no valor arrecadado. No acumulado de 2023, ficou praticamente estável com alta de 0,1%.

O crescimento na comparação de 12 meses até julho, de 4,3%, sob o mesmo período anterior, teve mais uma desaceleração. O crescimento ficou muito próximo da variação da inflação no período, de 3,9%. Foram, portanto, sete meses consecutivos de desaceleração do crescimento dessa receita.

No ano passado, a RLD atingiu R\$ 26,970 bilhões, uma alta de 20,8% na comparação com o ano anterior. Em 2021, a RLD já havia tido um crescimento de 21,2%, quando atingiu R\$ 22,320 bilhões.

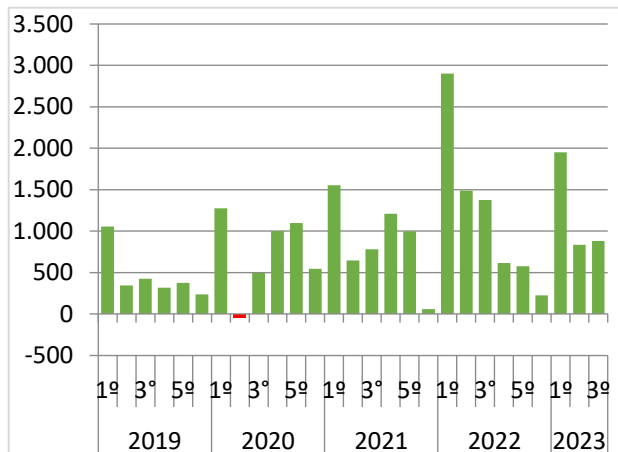
Vale ressaltar que o crescimento em 2021 se deu sob uma base baixa de comparação, já que em 2020 essa receita teve um crescimento nominal de apenas 1,6%. A inflação naquele ano foi 4,5%, enquanto em 2021, foi 10,06%. Em 2022, a inflação caiu e fechou o ano em 5,8%. E tanto a arrecadação como a inflação mantiveram a tendência de queda nesse ano de 2023.

A RCL continua crescendo acima da inflação.

5. Outros Indicadores Fiscais de Santa Catarina

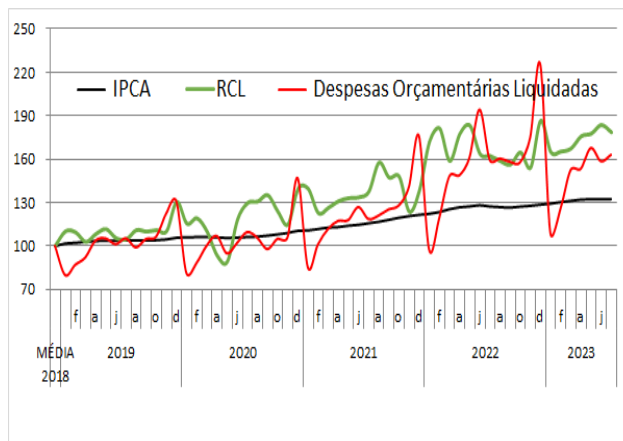
BALANÇO ORÇAMENTÁRIO: EVOLUÇÃO BIMESTRAL (EM R\$ MILHÕES)

DIFERENÇA ENTRE AS RECEITAS CORRENTES REALIZADAS E AS DESPESAS CORRENTES LIQUIDADAS



EVOLUÇÃO MENSAL DAS DESPESAS E DA RCL

SÉRIE ENCADEADA DO VALOR CORRENTE DAS DESPESAS ORÇAMENTÁRIAS LIQUIDADAS E DA RCL (MÉDIA 2018=100)



BALANÇO ORÇAMENTÁRIO

A evolução da diferença entre as Receitas Correntes Realizadas e as Despesas Correntes Liquidadas do Balanço Orçamentário do Executivo Estadual são apresentadas por bimestre para o período de 2019 até o terceiro bimestre de 2023. Observa-se, no período, à exceção do segundo bimestre de 2020, sucessivos superávits na execução orçamentária do Estado

RCL X DESPESAS

A evolução mensal da Receita Corrente Líquida, das Despesas Orçamentárias Liquidadas e do IPCA, no período de 2019 a julho de 2023, em relação as respectivas médias de 2018, demonstra uma tendência de crescimento da RCL acima da evolução das despesas.

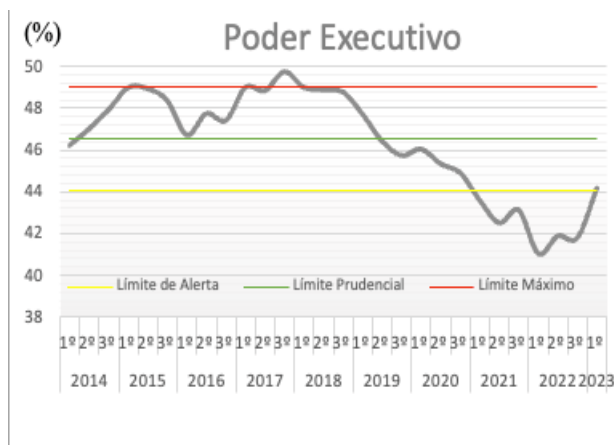
DESPESAS COM PESSOAL

A LRF estabelece limite máximo de 49% da RCL para gastos com pessoal no Poder Executivo. Em SC, entre 2014 e 2017, a variável vinha evoluindo próximo a esse limite, apresentando ligeira queda em 2018 e outra mais acentuada ao longo de 2019 e 2020. Essa relação continuou caindo e fechou o terceiro quadrimestre de 2021 em 43,14%, sendo o primeiro ano em que se posicionou abaixo do limite de alerta. Em 2022 houve mais uma queda e atingiu 41,8%. E no primeiro quadrimestre de 2023, o indicador voltou a atingir o limite de alerta (44,2% de RCL).

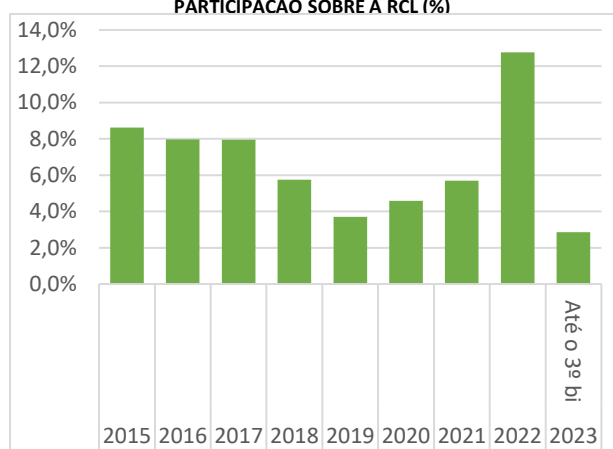
INVESTIMENTOS

A capacidade de investimentos do Estado se recupera, inclusive com aporte crescente de recursos próprios do tesouro estadual. Em 2019, foram investidos R\$ 916,1 milhões, ou 3,7% da RCL do ano. Em 2020, os investimentos atingiram R\$ 1,2 bilhões ou 4,6% da RCL do ano. Em 2021, o valor investido foi R\$ 1,8 bilhão, 5,7% da RCL do ano. Em 2022 foi investido R\$ 4,878 bilhões, 12,8% da RCL acumulada no ano. E em 2023, até o 3º bimestre, foram investidos R\$ 560,9 milhões.

EVOLUÇÃO DA RELAÇÃO DESPESA COM PESSOAL/RCL (%)

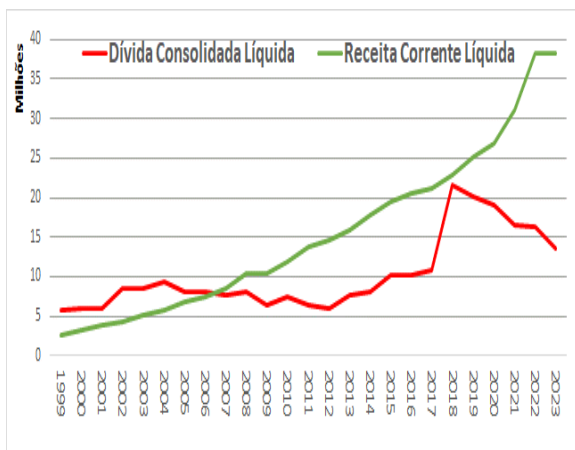


EVOLUÇÃO DOS INVESTIMENTOS PARTICIPAÇÃO SOBRE A RCL (%)



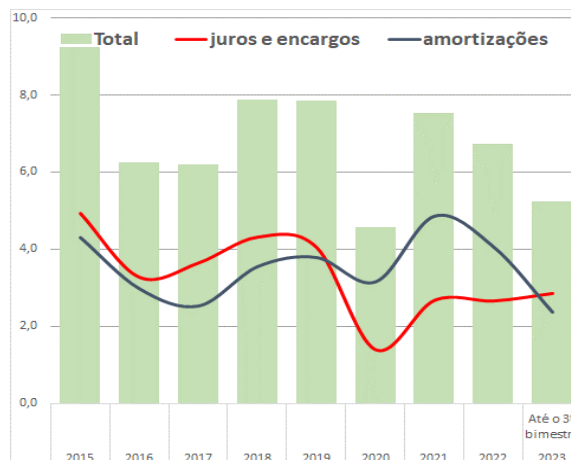
6. Indicadores da Dívida e do Resultado Primário do Estado

EVOLUÇÃO DA RECEITA CORRENTE LÍQUIDA (RCL) E DA DÍVIDA CONSOLIDADA LÍQUIDA (DCL) DO ESTADO DE SC



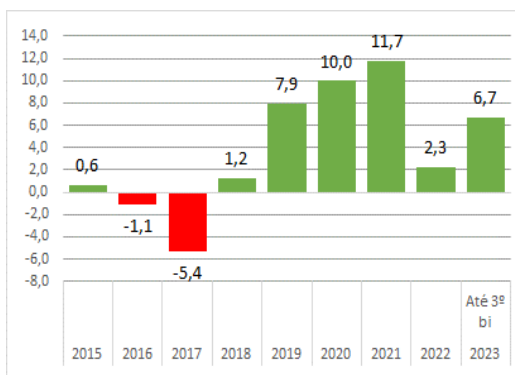
Fonte: SEF-DICF/RREO (até o 3º bimestre de 2023)

SERVIÇO DA DÍVIDA EM % DA RCL



Fonte: SEF-DICF/RREO

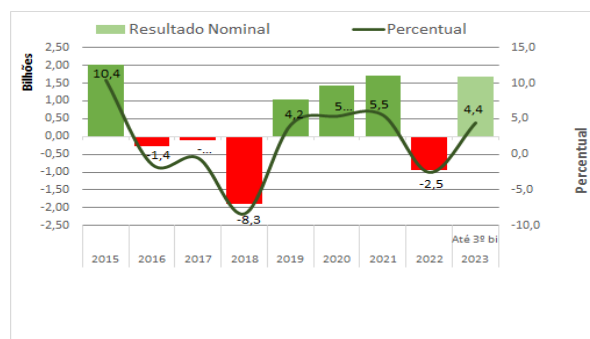
RESULTADO PRIMÁRIO EM PERCENTUAL DA RCL (%)



Fonte: SEF-DICF/RREO

RESULTADO NOMINAL

(EM R\$ BILHÕES E EM PERCENTUAL DA RCL)



DÍVIDA DO ESTADO

A Lei de Responsabilidade Fiscal observa a relação DCL/RCL para verificar o limite máximo de endividamento dos estados. O limite definido é de 200% da RCL. Em SC, em 2019, essa relação era de 80,3% quando a DCL estava em R\$ 20,1 bilhões. Em 2020, essa relação caiu para 70,8%, e em 2021, para 53% da RCL. Em 2022, a DCL estava em R\$ 16,2 bilhões, representando 42,5% da RCL. E em 2023, até junho, a DCL estava em R\$ 13,6 bilhões ou 35% da RCL. Em 2023, portanto, a DCL do Estado recuou R\$ 2,7 bilhões.

SERVIÇO DA DÍVIDA

O gráfico apresenta a evolução do serviço da dívida estadual (juros e encargos + amortizações) em proporção da RCL. Em 2019, 7,8% da RCL do Estado foi alocada no serviço da dívida e em 2020 essa proporção caiu para 4,6%. Em 2021, o serviço somou R\$ 2,3 bilhões ou 7,5% da RCL. Em 2022 somou R\$ 2,6 bilhões ou 6,7% da RCL. E em 2023, até o terceiro bimestre somou R\$ 1,026 bilhão, ou 5,2% da RCL do período.

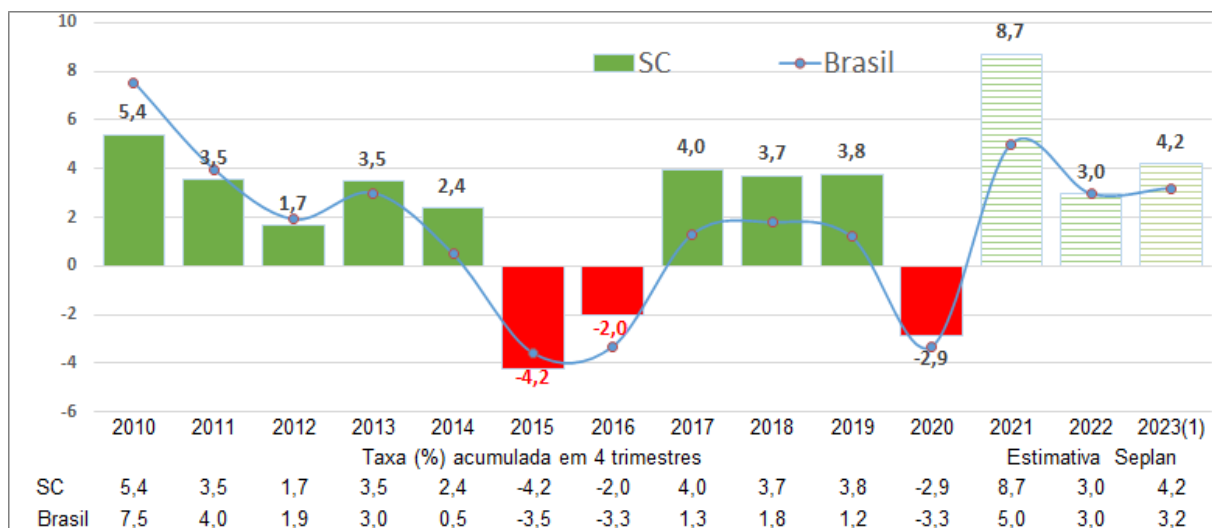
RESULTADO PRIMÁRIO

O resultado primário é definido pela diferença entre receitas e despesas do governo, excluindo-se as receitas e despesas com juros. Entre 2018 e 2021, SC obteve superávits crescentes. Em 2021, o resultado correspondeu a 11,7% da RCL ou R\$ 3,6 bilhões. Em 2022 recuou para R\$ 864 milhões e representou 2,3% da RCL. E em 2023, até o terceiro bimestre, o superávit voltou a crescer e atingiu R\$ 2,6 bilhões ou 6,7% da RCL. Está, portanto, bem acima da meta fiscal da LDO para o exercício fixada em R\$ 652,5 milhões.

RESULTADO NOMINAL

É a diferença entre o fluxo agregado de receitas totais (inclusive de aplicações financeiras) e de despesas totais (inclusive com juros). Entre 2016-18, SC obteve resultado deficitário e entre 2019-21, superávits crescentes. Em 2021, o nominal atingiu R\$ 1,7 bilhão. Em 2022, voltou a registrar déficit, de R\$ 949 milhões. E em 2023, até o 3º bimestre, o Estado registrou um superávit que atingiu R\$ 1,7 bilhões ou 4,4% da RCL. A meta fiscal para o exercício é de R\$ 441,2 milhões.

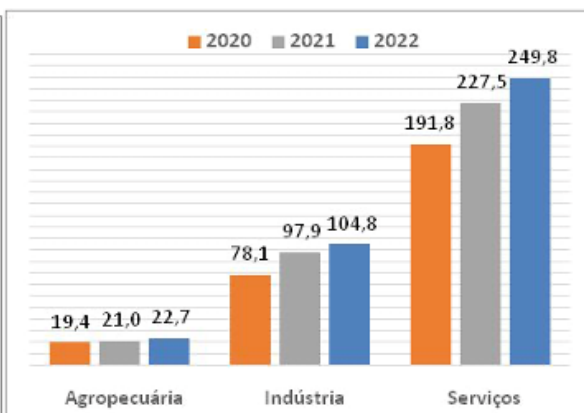
7. Produto Interno Bruto



PRODUTO INTERNO BRUTO (R\$ BILHÕES) - ANO BASE 20210



VALOR ADICIONADO POR SETOR (R\$ BILHÕES)



Fonte: PIB 2010-2020: IBGE e SEPLAN/SC: Contas Nacionais e Contas Regionais; PIB Brasil 2021 a 2023: IBGE/ PIB Trimestral Nacional; PIB Estadual 2021 a 2023: Seplan/DIPE/ (estimativa Seplan do Índice da Atividade Econômica de Santa Catarina).

(1) Refere-se a variação acumulada até JUNHO de 2023 sob o mesmo período anterior

ECONOMIA ESTADUAL AVANÇA NO PIB

O IBGE em conjunto com os governos estaduais estima o PIB dos estados e do DF. A última estimativa oficial se refere ao ano de 2020. Ano que foi marcado por uma forte retração da economia brasileira frente aos efeitos desastrosos da pandemia.

O PIB de SC teve uma retração em volume de -2,86% naquele ano e estimado em R\$ 349,3 bilhões. O PIB Brasileiro teve uma queda maior em 2020, de -3,3%.

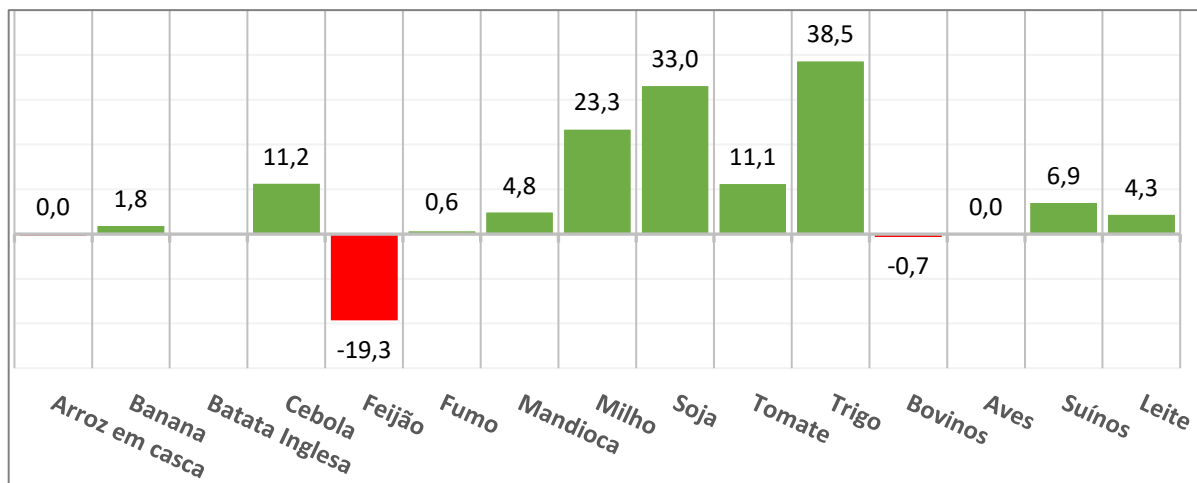
Apesar dessa retração, a economia catarinense se manteve como a sexta maior do País sendo que a participação do Estado na economia nacional aumentou de 4,4% para 4,6%, entre 2019 e 2020.

Em SC, em 2020, entre os três setores, a Agropecuária apresentou crescimento em volume (+1,8), enquanto a Indústria total (-5,6%) e os Serviços (-1,7%) registraram redução. A indústria de transformação retraiu 6,5% no período.

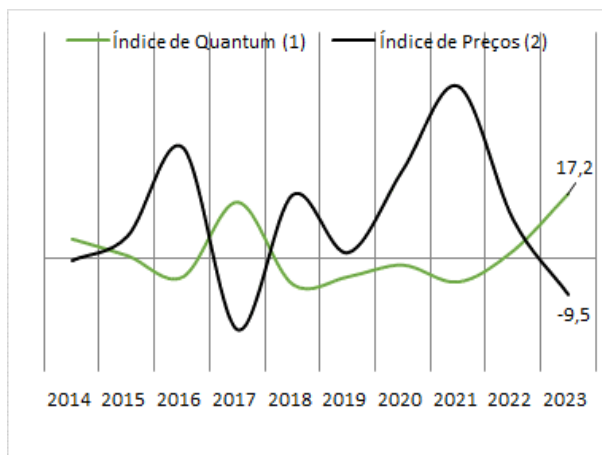
Para os anos de 2021, no entanto, houve uma forte recuperação da economia estadual, que segundo nossas estimativas teve um crescimento de 8,7%, o segundo maior crescimento entre os estados brasileiros. Em 2022, cresceu outros 3% (dado revisado) e no acumulado de doze meses até junho passado, sob o mesmo período anterior, voltou a acelerar, crescendo 4,2%, acima portanto, da estimativa do PIB trimestral para o Brasil, de 3,2% para o mesmo período.

7.2 Agropecuária - Produção e Preços dos Principais Produtos

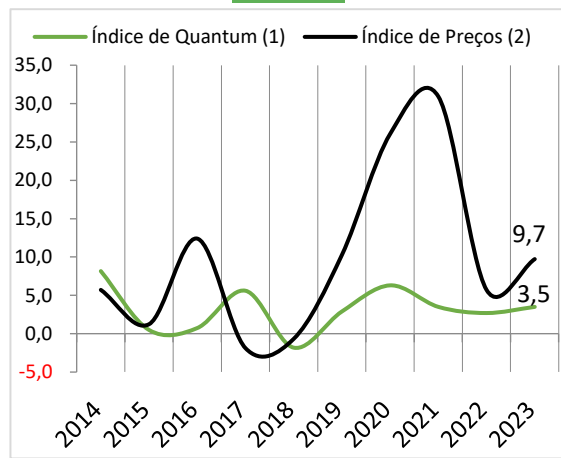
CRESCIMENTO NA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA 2023/2022 (%)



AGRICULTURA



PECUÁRIA



Fonte: EPAGRI/Cepa (Acompanhamento de Safras e preços médios mensais recebidos pelos agricultores de SC; IBGE/PAM e LSPA de julho de 2023 e Pesquisa Trimestral do Leite (2022/2021) ; EPAGRI/CEPA (a produção da pecuária se refere a variação dos quantitativos de todos os tipos de abates nos últimos 12 meses encerrados em junho de 2023, relativos ao mesmo período anterior) e o índice de preços foi calculado sob as médias de preços do primeiro semestre de 2023 em relação ao mesmo semestre de 2022.

CRESCER PRODUÇÃO AGRÍCOLA, PREÇOS CAEM

De forma geral, a agricultura catarinense vem apresentando um excelente resultado em 2023. Sem problemas climáticos relevantes, a produtividade avançou e permitiu uma alta do quantum de 17,2%.

Entre as principais culturas destacou-se o avanço da soja (safra recorde), do milho, trigo e cebola. A rizicultura enfrentou alguns problemas, mas também teve uma boa safra. O feijão passa por gradual redução da área devido à suscetibilidade da cultura a adversidades climáticas, enquanto ganha espaço o milho e a soja, de maior rentabilidade.

Diante de uma safra robusta, tanto no estado como no País, os preços estão pressionados. O índice de preços agrícolas teve queda de 9,5% no primeiro semestre de 2023, frente ao mesmo período de 2022. Os preços do milho e da soja tiveram queda de 22,3% e 22,4%, respectivamente. Também caíram os preços nominais da cebola, tomate, trigo e banana. A alta do arroz, fumo e feijão, não foi suficiente para compensar a queda nos demais.

A produção pecuária teve mais um ano de crescimento. O quantum dos dados anualizados até junho de 2023, relativos ao mesmo período anterior, cresceu 3,5%, onde o destaque foi a produção suína (+6,9%). Esse deverá ser o quinto ano consecutivo de alta na pecuária. O índice de preços subiu 9,7% no primeiro semestre do ano, comparado com o mesmo período de 2022. As maiores altas foram no dos suínos e do leite. A alta está sendo puxada pelas exportações (suínos e aves) que seguem firmes. As quantidades exportadas de suínos e as receitas obtidas no primeiro semestre foram recordes.

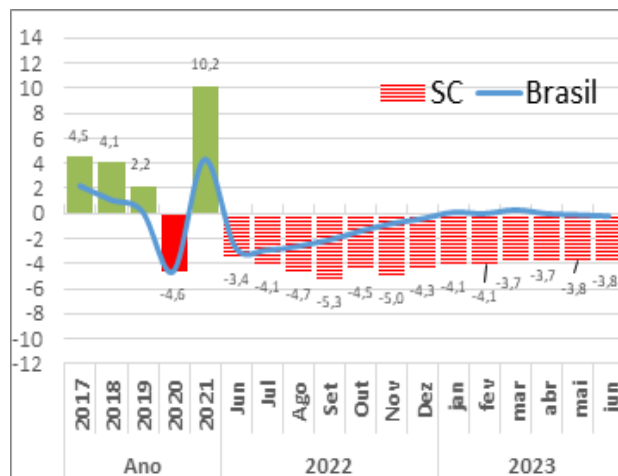
1) O índice de quantum tem como objetivo medir, em nível estadual, o desempenho físico da produção do setor.

(2) O índice de preços mede as mudanças relativas nos preços correntes dos produtos. Portanto, é um acompanhamento da variação média dos preços dos produtos.

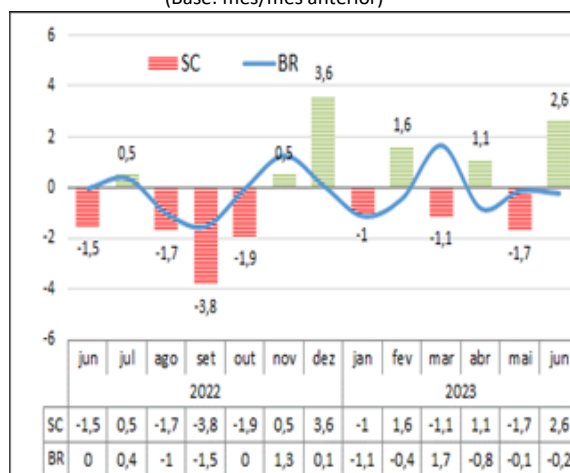
7.3 Produção Industrial Física - Indústria da Transformação

TAXA DE CRESCIMENTO

TAXA DE CRESCIMENTO ACUMULADA EM 12 MESES (%)
(Base: 12 meses anteriores)



VARIÇÃO MENSAL (%)
(Base: mês/mês anterior)



INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO POR SUBSETOR

SUBSETOR	Varição (%) - Acumulado no Ano (Base: igual período do ano anterior)	Varição (%) acum. de 12 meses (Base: igual período do ano anterior)
Indústria de Transformação - BR	-1,3	-0,2
Indústria de Transformação - SC	-3,8	-3,8
Produtos alimentícios	-1,7	3,8
Produtos têxteis	-0,9	-8,7
Artigos do vestuário e acessórios	-9,9	-8,5
Produtos de madeira	-12,6	-16,8
Celulose, papel e produtos de papel	-2,5	-1,4
Produtos de borracha e de material plástico	5,7	0,9
Produtos de minerais não-metálicos	-14,4	-14,9
Metalurgia	-10,8	-6,4
Produtos de metal, exceto máq. e equip.	-2,8	0,4
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	0,7	-5,6
Máquinas e equipamentos	2,7	2
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-2,8	-1

Fonte: IBGE/PIM

INDÚSTRIA ENFRENTA DIFICULDADES

A indústria catarinense teve algum alívio em junho ao crescer 2,6% na comparação com maio. Mas com três meses de queda no primeiro semestre acumulou retração de 3,8% no ano, acima da indústria de transformação nacional que retraiu 1,3%.

O desempenho da indústria catarinense no acumulado de doze meses também ficou abaixo da média, conforme gráficos ao lado.

A indústria estadual sofre o impacto da retração do mercado nacional. Juros altos e endividamento elevado das famílias, entre outros problemas explicam as dificuldades. O arrefecimento da inflação e o estímulo dos programas de transferência de renda trazem alívio para alguns segmentos, mas não o suficiente para impactar o setor como um todo.

Segundo a Fiesc, a indústria estadual enfrenta uma menor demanda nacional por bens intermediários. Os juros impactaram as indústrias de bens de capital e de automóveis. Também a menor demanda por insumos para a construção civil fez recuar a produção de minerais não metálicos. Outros segmentos dependentes de crédito como os de móveis, têxteis e vestuário também enfrentam retração.

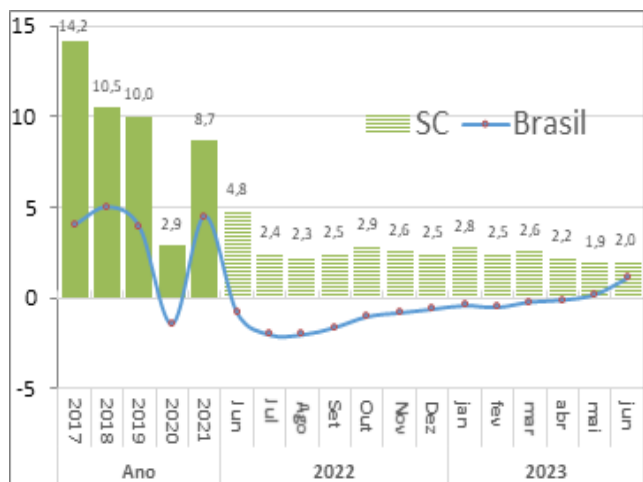
Por outro lado, as exportações favorecem a produção de máquinas e equipamentos; a alta nas vendas de eletrodomésticos de pequeno porte, o de máquinas elétricas e o cenário positivo do segmento de embalagens para alimentos, o de produtos de borracha e material plástico. Mas não foi suficiente para compensar a retração dos demais.

Mas as perspectivas para o próximo semestre melhoram com a sinalização de uma queda consistente das taxas de juros nos próximos meses.

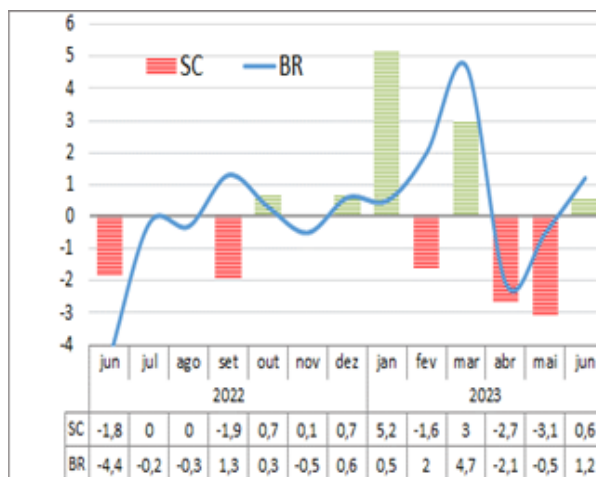
7.4 Volume de Vendas do Comércio Varejista Ampliado

VOLUME DE VENDAS

TAXA DE CRESCIMENTO ACUMULADA EM 12 MESES (%)
(Base: 12 meses anteriores)



VARIÇÃO MENSAL (%)
(Base: mês/mês anterior)



VOLUME DE VENDAS POR ATIVIDADE

Variação (%) mensal - Acumulado no ano		Subsetor	Variação (%) acum. De 12 meses (Base: igual período anterior)	
4,0		Comércio Ampliado - BR	1,1	
4,1		Comércio Ampliado - SC	2	
20,0		Combustíveis e lubrificantes	21,7	
2,1		Hiper., superm., prod. aliment., beb. e fumo	1,9	
-9,0		Tecidos, vestuário e calçados	-12,1	
-5,3		Móveis e eletrodomésticos	-2,2	
4,9		Art. farmac., med., de perf. e cosm.	5,7	
-0,5		Livros, jornais, revistas e papelaria	9,3	
20,9		Equip. e mat. para escrit., infor. e com.	16,1	
-11,3		Outros artigos de uso pessoal e doméstico	6,4	
3,1		Veículos, motocicletas, partes e peças	3,2	
-7,3		Material de construção	-11,1	

Fonte: IBGE:PMC

VAREJO AMPLIADO VOLTA A CRESCER

O varejo ampliado ganhou um fôlego em junho, após dois meses consecutivos de retração, tanto em SC como na média do País. Cresceu 0,6% no Estado e 1,2% no Brasil, quando comparado com maio.

O crescimento acumulado no primeiro semestre agora registra um crescimento de 4,1% no Estado e de 4% no País. E em doze meses, o varejo ampliado estadual segue crescendo quase o dobro da média, com alta de 2% em SC e 1,1% no País. Observa-se, no entanto, que essa diferença vem se estreitando ao longo dos últimos meses.

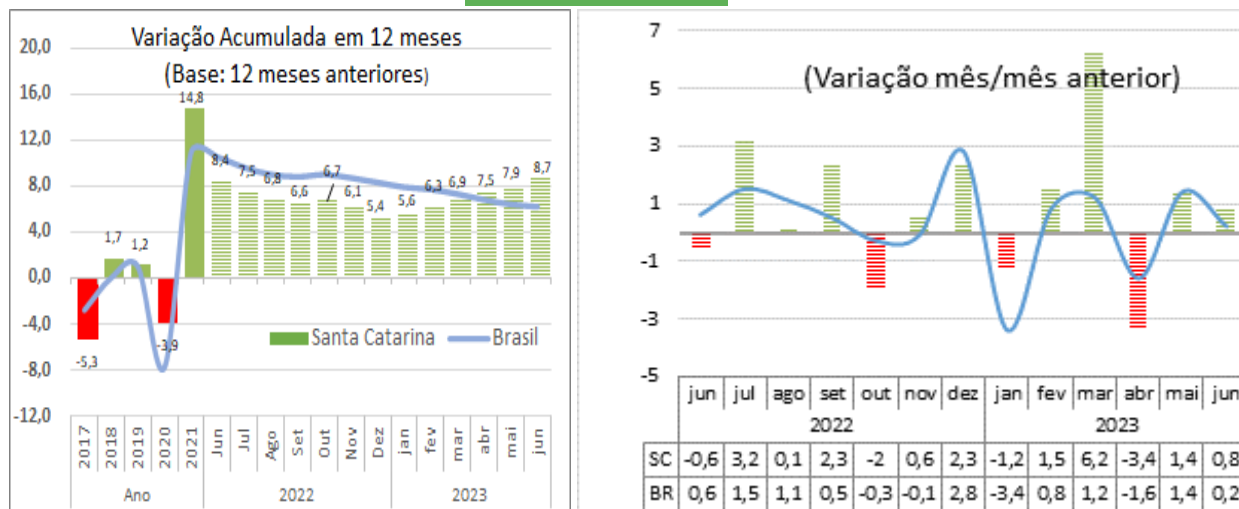
Mas vale destacar que apesar dessa perda de fôlego, o varejo estadual é um dos mais dinâmicos do País e vem apresentando nos últimos anos um crescimento robusto e bem acima da média brasileira, conforme se observa no gráfico ao lado.

Com juros elevados, endividamento recorde das famílias, fechamento de grandes redes varejistas e incertezas econômicas, o comércio encontra dificuldades de uma expansão sustentável, tanto em SC como na média do País. Mesmo o arrefecimento da inflação, a expansão dos programas sociais e o bom desempenho de segmentos como o agronegócio, o comércio exterior e o turismo não foi suficiente para dinamizar o setor.

As dificuldades de expansão do consumo são mais evidentes nos segmentos dependentes de crédito, como o de Tecidos, Vestuário e Calçados, de Móveis e Eletrodomésticos e de Materiais de Construção, conforme gráficos ao lado. O mercado de veículos se recupera lentamente, após um longo período de retração. E o de Combustíveis e Lubrificantes foi favorecido pela mudança na política de preços no ano passado.

7.5 Volume de Serviços

TAXA DE CRESCIMENTO



TAXA DE CRESCIMENTO DO VOLUME DE SERVIÇOS, SEGUNDO AS ATIVIDADES

Setor e subsetor	Var. (%) mensal - acum. no ano (Base: mesmo mês do ano anterior)	Var. (%) acum. de 12 meses até JUNHO (Base: igual período do ano anterior)
	Volume Total - BR	4,7
Volume Total - SC	11	8,7
Serviços prestados às famílias	10,6	14,1
Serviços de informação e comunicação	12,7	12,2
Serv. Profiss., administr. e complementares	5,3	-3,6
Transportes, serv. auxil. aos transportes e correios	11,4	8,4
Outros serviços	15,8	14,8

Fonte: IBGE/PMS

SERVIÇOS ACELERAM CRESCIMENTO

Em junho, o volume de receitas do setor de serviços em SC cresceu 0,8% em relação ao mês anterior, quando cresceu 1,4%. Foi o segundo mês consecutivo de crescimento nessa comparação.

Na comparação com o mesmo mês de 2022, o setor de serviços cresceu 12,7% no Estado, mais do que o triplo da média nacional (4,1%). Nessa comparação a alta dos serviços ocorreu durante todo o primeiro semestre e sempre se manteve acima da média.

O setor acumula uma alta de 11% no ano, mais do que o dobro do desempenho em nível nacional, de 4,7%. Também na comparação de doze meses cresceu 8,7%, registrando o sexto mês seguido de aceleração do crescimento no estado. Nessa última comparação, o setor avançou 6,2% no País, onde se observa uma tendência inversa, conforme gráfico ao lado.

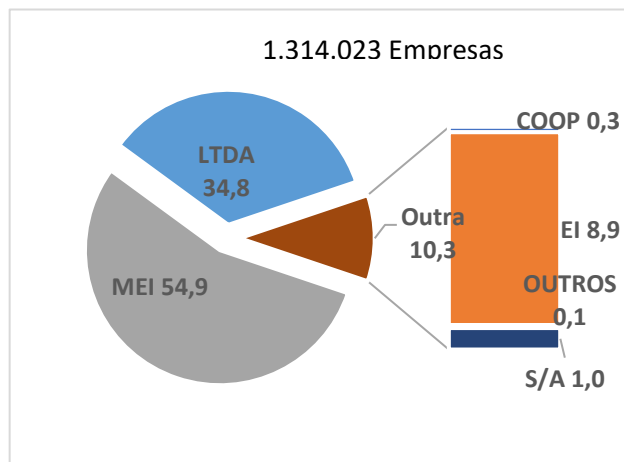
Das cinco atividades acompanhadas pela PMS, a de outros serviços foi a de maior crescimento no Estado nesses últimos doze meses (14,8%), seguido por Serviços prestados às famílias (14,1%); Serviços de Informação e Comunicação (12,2%) e Transportes (8,4%). O único que teve retração nessa comparação foi o de Serviços Prestados às Empresas (-3,6%).

O volume de serviços no estado atingiu recordes da série histórica nesse ano e encontra-se 27,9% acima do patamar pré-pandemia (fev/2020). Nacionalmente, encontra-se 12,1% acima daquele patamar.

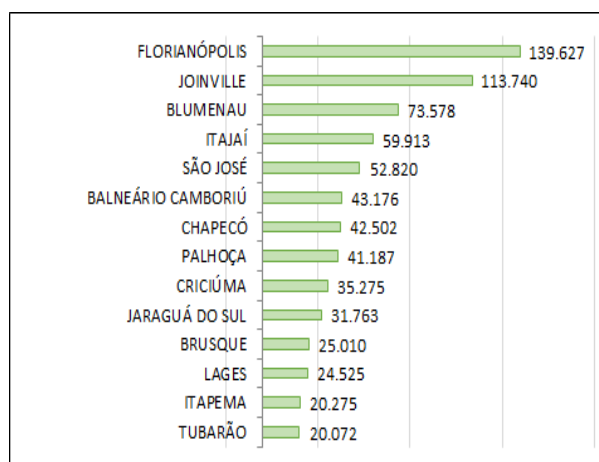
O setor de serviços é o maior da economia, foi o mais impactado pela pandemia e o último a retomar a normalidade de funcionamento.

7.6 Empresas Ativas, Constituídas e Extintas em Santa Catarina

TOTAL DE EMPRESAS ATIVAS POR NATUREZA



TOTAL DE EMPRESAS ATIVAS POR MUNICÍPIO



EMPRESAS ATIVAS

O número de empresas ativas em SC até o dia 31/8/2023 era de 1.314.023. Desse total, 54,9% referem-se a microempreendedores individuais (MEI), enquanto 34,8% são LTDA. Os empreendedores individuais (EI) respondem por outros 8,9% e as S/As por 1%.

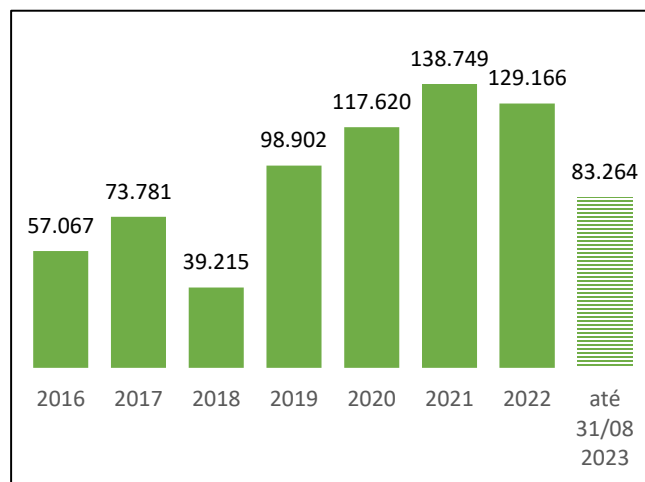
DISTRIBUIÇÃO POR MUNICÍPIO

Florianópolis lidera o empreendedorismo em Santa Catarina. Do total de empresas ativas no Estado, 56,5% estão registradas nos quinze municípios destacados no gráfico.

EMPRESAS CONSTITUÍDAS

O saldo entre empresas constituídas e extintas pela Junta Comercial de SC vem subindo a cada ano. Em 2020, o saldo superou 2019 que já havia sido o maior da série iniciada em 2013. E em 2021, o saldo registrou novo recorde atingindo 138,7 mil novas empresas. O saldo atípico de 2018 deve-se ao grande número de extinções por força de lei. Em 2022, o saldo fechou o ano em 129,2 mil. E até 31/8 o saldo líquido entre empresas constituídas e extintas estava em 83.264.

SALDO ENTRE EMPRESAS CONSTITUÍDAS E EXTINTAS



EMPRESAS CONSTITUÍDAS EM 2023 POR SETOR (até 31/8)

Setor	Qtde
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	32.518
Indústrias de transformação	15.435
Transporte, armazenagem e correio	15.020
Atividades administrativas e serviços complementares	14.782
Construção	14.644
Atividades profissionais, científicas e técnicas	14.084
Outras atividades de serviços	11.707
Alojamento e Alimentação	11.274
Educação	7.134
Informação e comunicação	4.673
Saúde humana e serviços sociais	4.262
Serviços domésticos	3.099
Atividades imobiliárias	2.384
Atividades Financeiras, de seguros e serviços relacionados	1.770
Arts, cultura, esporte e recreação	1.361
Outras	1.690

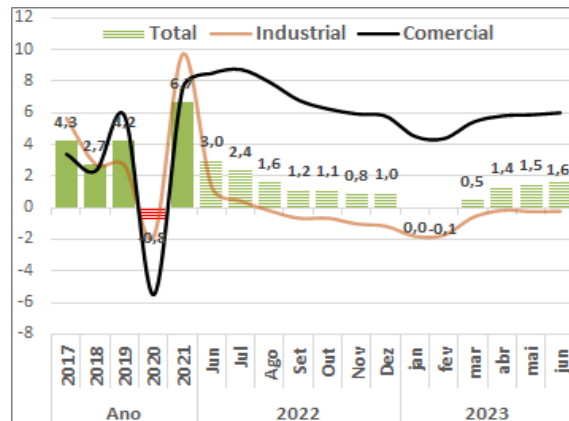
POR SETOR

Do total de empresas que foram constituídas no acumulado de 2023, o setor do comércio liderou entre os demais. A indústria de transformação e os Transportes, armazenagem e correio seguem como os empreendimentos mais atrativos, conforme pode-se observar no gráfico ao lado.

7.7 Consumo de Energia Elétrica, Vendas de Óleo Diesel, Veículos Novos e Cimento

ENERGIA ELÉTRICA

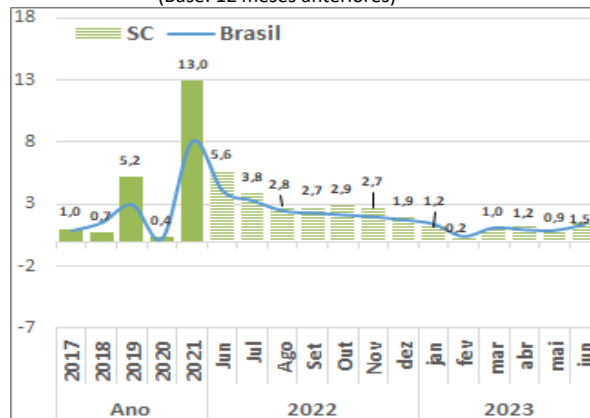
TAXA DE CRESCIMENTO ACUMULADA EM 12 MESES (%)
(Base: 12 meses anteriores)



Fonte: Celesc

ÓLEO DIESEL

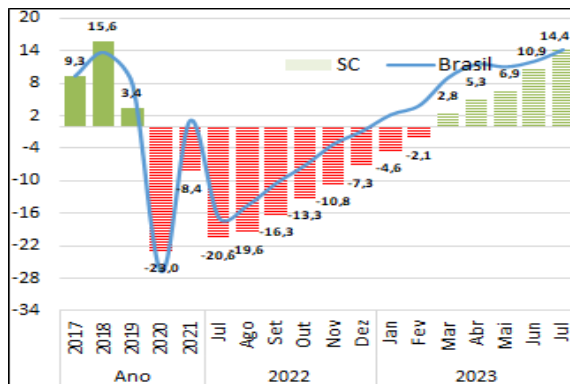
TAXA DE CRESCIMENTO ACUMULADA EM 12 MESES (%)
(Base: 12 meses anteriores)



Fonte: ANP

EMPLACAMENTO DE VEÍCULOS NOVOS

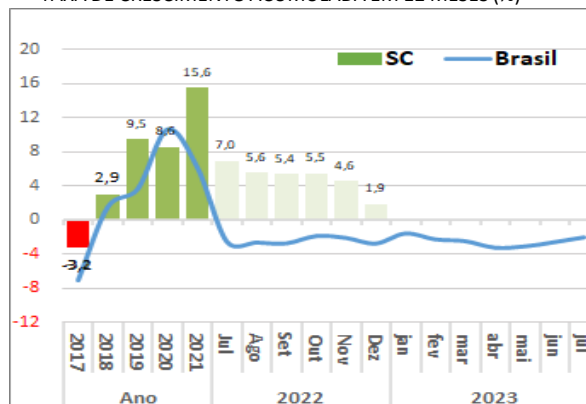
TAXA DE CRESCIMENTO ACUMULADA EM 12 MESES (%)
(Base: 12 meses anteriores)



Fonte:Fenabrave/SC-ANFAVEA

CONSUMO APARENTE DE CIMENTO

TAXA DE CRESCIMENTO ACUMULADA EM 12 MESES (%)



Fonte:SNIC

ENERGIA ELÉTRICA

O consumo de energia elétrica distribuída pela Celesc retraiu ao longo de todo o ano passado sob o efeito da alta do custo de energia, mas também devido a desaceleração da economia. No primeiro semestre de 2023, o consumo reage e acumula alta de 3,4% no ano, influenciado principalmente pela alta do consumo comercial (+8,1%) e residencial (+7,4). O industrial teve alta de 1,2% na comparação com o mesmo período de 2022. No gráfico ao lado pode ser observado o comportamento do consumo na comparação de doze meses.

ÓLEO DIESEL

Com a explosão dos preços do óleo diesel e a desaceleração da economia, as vendas foram fracas no ano passado e seguiram em ritmo lento nesse ano. No acumulado de 12 meses até junho cresceram 1,5% em SC e 1,4% na média do País. Em junho, no entanto, na comparação com maio, as vendas tiveram queda expressiva, de 7% em SC, e de 3,1% no Brasil.

VEÍCULOS

Finalmente o setor automotivo voltou a crescer. Desde dezembro de 2020, julho foi o melhor mês em vendas e também na média diária de emplacamentos. O impulso dado pelos descontos da MP 1.175 se somou aos descontos oferecidos pelas próprias montadoras. Isso contribuiu para reduzir os elevados estoques nas fábricas e concessionárias. Em SC os emplacamentos cresceram 21,5% no acumulado do ano até julho e 14,4% em doze meses. No Brasil, avançaram 12,5% e 14,2%, respectivamente.

CIMENTO

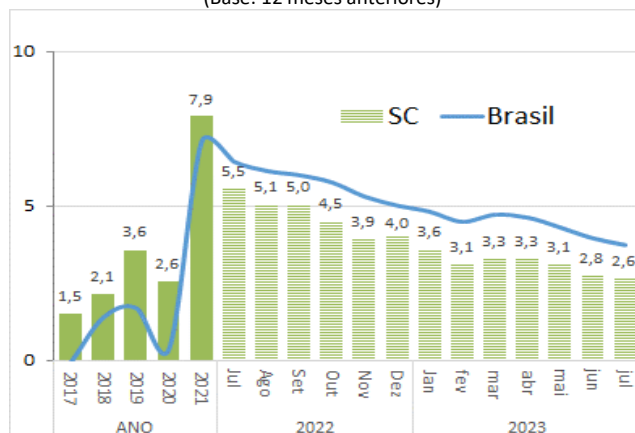
O consumo de cimento se manteve fraco em julho. Juros elevados e endividamento alto fizeram desacelerar a construção de imóveis e o baixo aporte de investimentos públicos não tem contribuído para acelerar as obras de infraestrutura. Mas as perspectivas estão mudando. Segundo a SNIC, a economia dá sinais de recuperação e com isso, a confiança do consumidor e as expectativas para os próximos meses são de retomada do ciclo imobiliário assim como da infraestrutura pública.

7.8 Mercado de Trabalho

TAXA DE CRESCIMENTO DO EMPREGO FORMAL

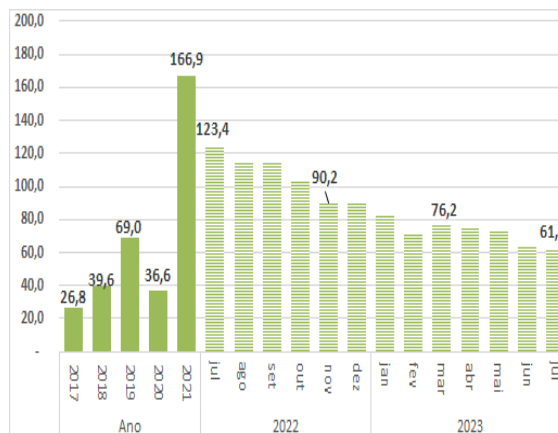
ACUMULADA EM 12 MESES (%)

(Base: 12 meses anteriores)



SC: SALDO DO EMPREGO FORMAL EM 12 MESES

(em Mil)



EMPREGO: SERVIÇOS LIDERAM CONTRATAÇÕES

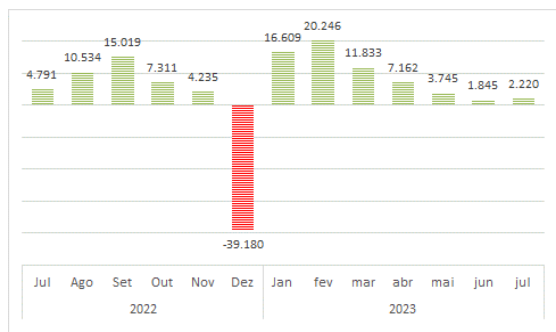
As contratações formais na economia catarinense tiveram leve alta em julho após quatro meses consecutivos de queda.

Em julho foram abertos 2.220 novos postos no Estado, acima do 1.845 de junho, mas abaixo dos 4.791 do mesmo mês de 2022. E no acumulado do ano foram abertos 63.660 postos, abaixo dos 88.065 do mesmo período de 2022.

O setor de serviços liderou as contratações nesse ano com a geração de 34.968 postos, 14.771 deles gerados pela administração pública, defesa e seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais. A indústria de transformação abriu outros 15.761 postos, onde se destacaram a fabricação de produtos alimentícios (4.284 postos), a de produtos de borracha e material plástico (1.902), a de têxteis (1.900) e a de Máquinas e Materiais Elétricos (1.667). E na sequência, a construção civil, com a abertura de 10.666 postos, o comércio (1.797) e a agropecuária (249).

SC: EVOLUÇÃO DO SALDO MENSAL DE EMPREGOS FORMAIS –

2022/23



SC: SALDO POR SEGMENTO

Acumulado em 2023 (até JULHO)

Indústria de transformação	15.761
Comércio e reparação de veículos	1.797
Alojamento e alimentação	-958
Construção Civil	10.666
Transportes, armazenagem e...	5.648
Serv. Informação, Profis., adm....	12.743
Administração Pública	14.771
Serviços - outros	2.764
Agropecuária, florestas e pesca	249
Indústria - outras	219

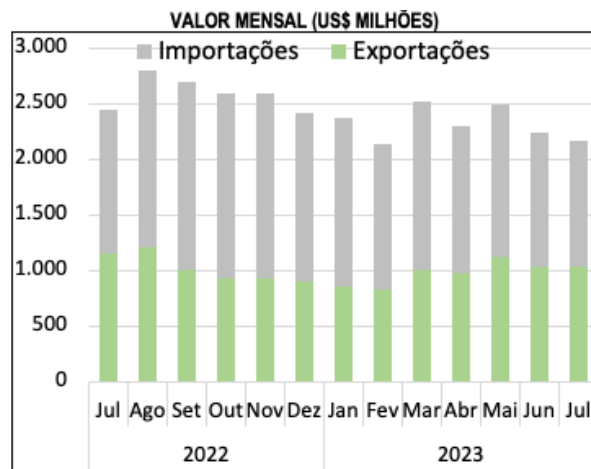
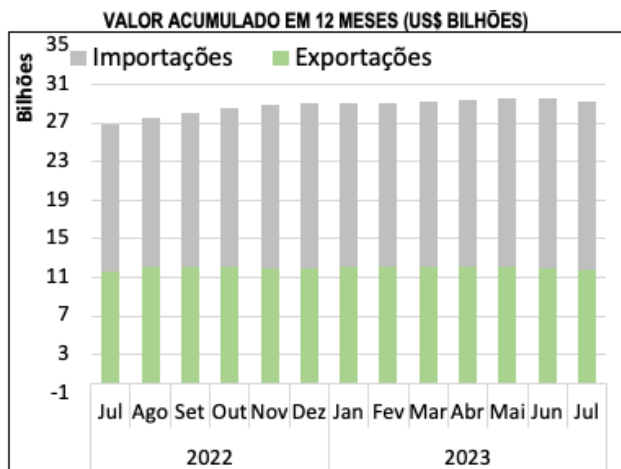
Nesse acumulado do ano, a economia estadual registrou o sexto maior saldo de empregos do País, atrás de SP, MG, RJ, PR e GO.

E em 12 meses, a taxa de crescimento do emprego formal, de 2,63% e o saldo de 61,6 mil novos postos gerados no período, confirmam a tendência de desaceleração das contratações, conforme apontam gráficos ao lado.

O estoque de empregos formais em julho em SC estava em 2.407.248, montante 2,6% maior que o de julho de 2022, e 14,6% acima de fevereiro de 2020 (pré-pandemia). SC conta com o sexto maior estoque de empregos formais do País, atrás de SP, MG, RJ, PR E RS.

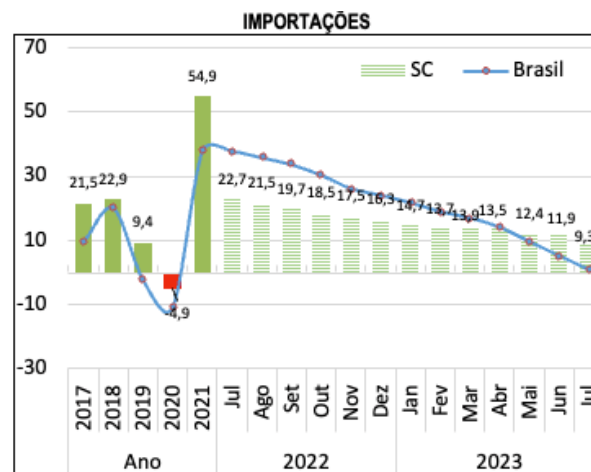
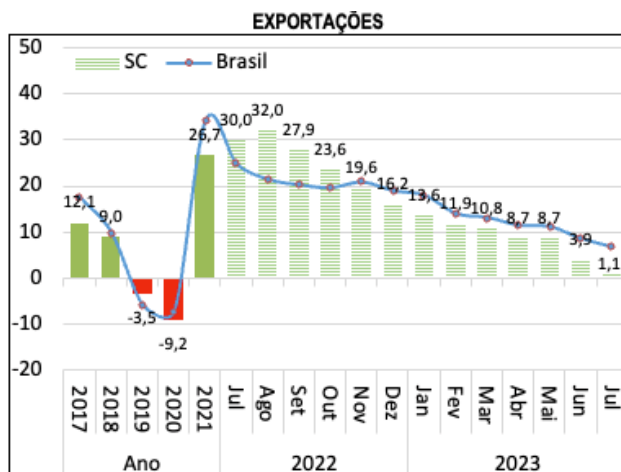
7.9 Comércio Exterior

BALANÇA COMERCIAL DE SANTA CATARINA



TAXA DE CRESCIMENTO ACUMULADA DE 12 MESES

(BASE 12 MESES ANTERIORES)



Fonte: MDIC

(Fonte: MDIC)

COMÉRCIO EXTERIOR PERDE FÔLEGO

As exportações estaduais que atingiram dois recordes sucessivos em 2021 e 2022, agora dão sinais de perda de ritmo. Após crescerem 26,7% em 2021 e 16,2% em 2022, os embarques em julho na comparação de 12 meses, sob o mesmo período anterior, registraram alta de 1,1%, a décima primeira queda consecutiva nessa comparação.

Em 2022, o estado participou com 3,6% das exportações brasileiras, 0,3 p. p. abaixo da média dos últimos dez anos.

As importações via portos catarinenses também atingiram recordes sucessivos em 2021 e 2022, mas perdem força ainda que a um ritmo menor que as exportações. Cresceram 54,9% em 2021 e 16,3% em 2022, elevando o estado ao posto de segundo maior em importações do País. Na comparação de 12 meses até julho, o valor importado cresceu 9,3%, confirmando uma tendência de queda também nessa comparação.

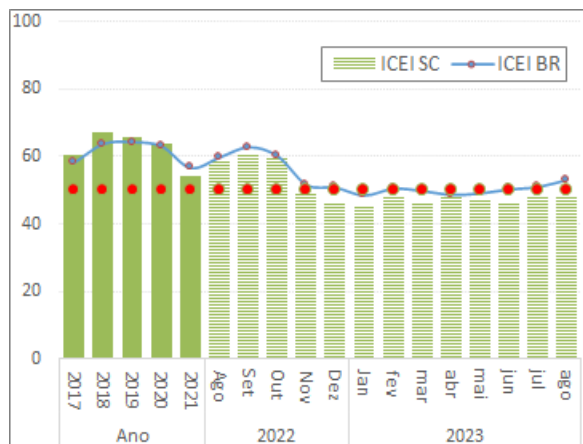
Em 2022, o estado participou com 10,6% das importações brasileiras, 1,9 p. p. acima da média dos últimos dez anos.

As exportações totais retraíram 2,2% no ano (até julho) e tiveram como principais itens os cortes de aves (+8,3% e 14,8% do total), as carnes suínas (+22,6% e 12,6% do total) e Soja (+9,3% e 6,9% do total). Entre os principais itens destacou-se a queda das vendas de madeiras, portas, e motores.

A China voltou a liderar nos embarques desse ano (15,6% do total) com aumento de 9% nas vendas desse ano. Os EUA compraram 24% a menos e responderam por 14,2% do total. Entre os dez maiores destinos destaque ainda para o aumento das vendas para México, Reino Unido e Argentina.

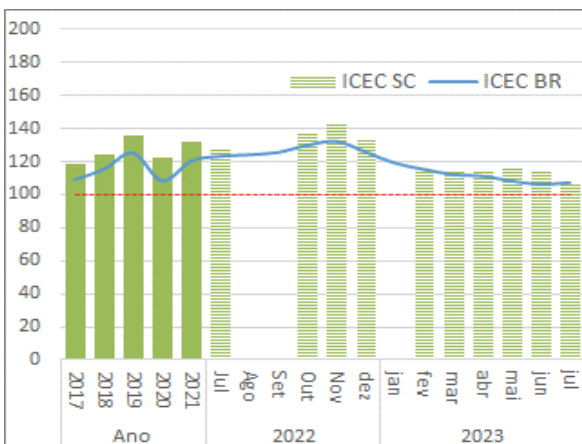
7.10 Índice de Confiança

ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO INDUSTRIAL - ICEI (1)



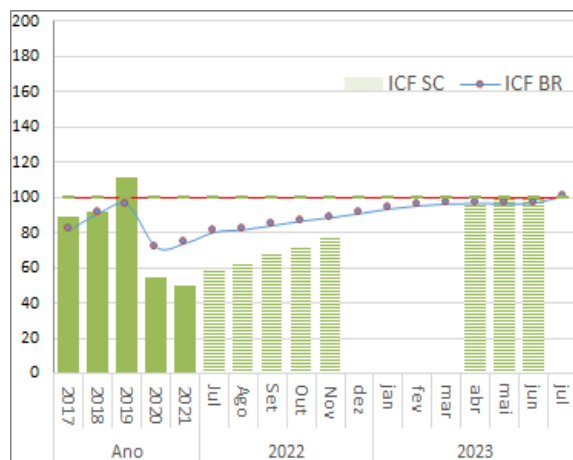
Fonte: Fiesc e CNI

ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO DO COMÉRCIO - ICEC (2)



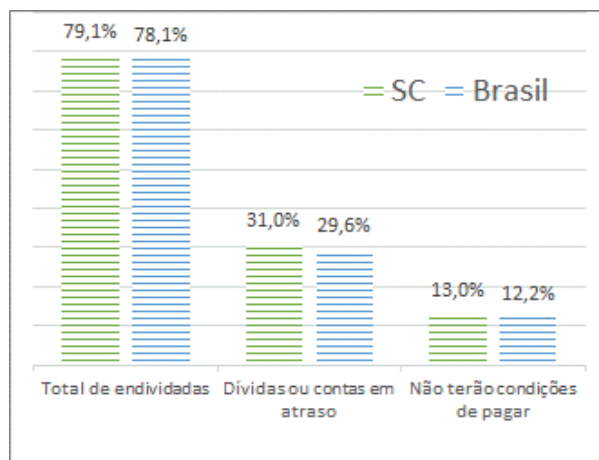
Fonte: Fecomércio/SC e CNC

INTENÇÃO DE CONSUMO DAS FAMÍLIAS - ICF (3)



Fonte: Fecomércio/SC e CNC

ENDIVIDAMENTO DAS FAMÍLIAS – JULHO 2023



Fonte: Fecomércio/SC e CNC

INDÚSTRIA NACIONAL MAIS CONFIANTE

Em SC, a confiança dos empresários manteve-se estável em agosto, em patamar pessimista. O índice aponta pessimismo em relação as condições atuais da economia, mas otimismo em relação as perspectivas futuras. Já na média brasileira há mais confiança, com o indicador geral em patamar otimista pelo terceiro mês. 23 de 29 segmentos industriais do País, todos os portes de indústria e quatro regiões, com exceção do Sul, estão confiantes. A melhora está associada ao fim do aperto monetário, ao desempenho positivo do comércio, dos serviços e do emprego.

COMÉRCIO: CONFIANÇA CAI

Ainda que se encontre em patamar otimista, a confiança do varejista caiu em julho pelo segundo mês consecutivo no Estado. No País teve leve alta após dois meses de queda. Há uma percepção desfavorável sobre a dinâmica das vendas. Embora o consumidor se mostre mais otimista, os empresários percebem limitação da capacidade de consumo frente ao endividamento elevado e ao crédito caro e de difícil acesso. As vendas de produtos dependentes de crédito seguem em queda.

INTENÇÃO DE CONSUMO

Ainda que muito próximo do limiar entre otimismo e pessimismo, a intenção de consumo das famílias brasileiras alcança zona otimista pela primeira vez em mais de oito anos. Em SC o indicador já havia atingido esse patamar em junho. Inflação em queda, melhora nas condições de crédito e maior segurança no emprego explicam essa melhor confiança. Ainda assim, o endividamento elevado é um limitante ao consumo.

ENDIVIDAMENTO DAS FAMÍLIAS

Os indicadores de endividamento mantiveram tendência de piora no mês de julho em SC. Ao contrário do período da pandemia, quando atingiram baixas históricas no Estado, agora se elevou a níveis preocupantes e superaram a média brasileira.

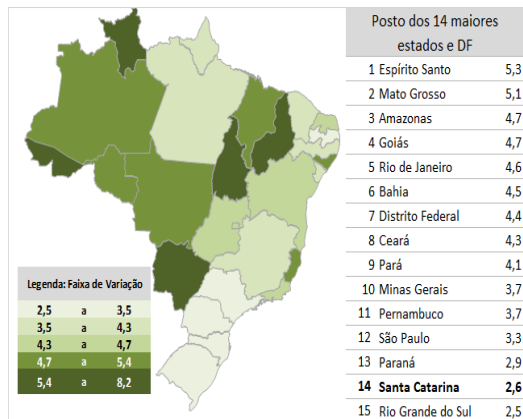
(1) O ICEI mede a opinião dos industriais sobre as condições econômicas. Varia no intervalo de 0 a 100. Acima de 50 significa confiança, e abaixo, falta de confiança na economia. (2) O ICEC mede a percepção dos empresários do comércio no seu ambiente de negócios. Varia entre 0 e 200 pontos, sendo que o índice 100 demarca a fronteira entre a insatisfação e a satisfação dos empresários. (3) O ICF varia entre 0 e 200 pontos, sendo que o índice 100 demarca a fronteira entre a avaliação de pessimismo e de otimismo das famílias.

7.11 Desempenho dos Estados

TAXA DE CRESCIMENTO ACUMULADA EM 12 MESES (%)

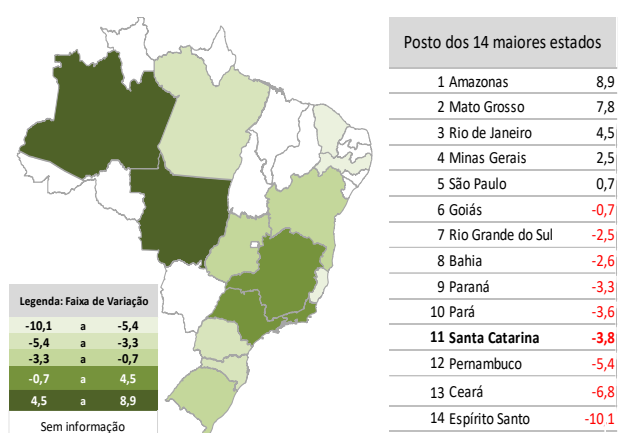
(BASE: 12 MESES ANTERIORES)

EMPREGO FORMAL (JULHO)



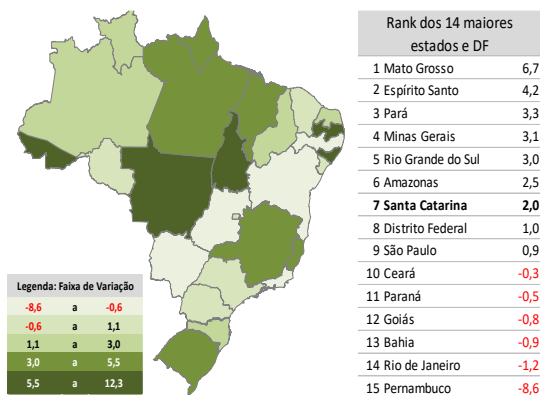
Fonte: MTE/CAGED

PRODUÇÃO FÍSICA DA INDÚSTRIA (JUNHO)



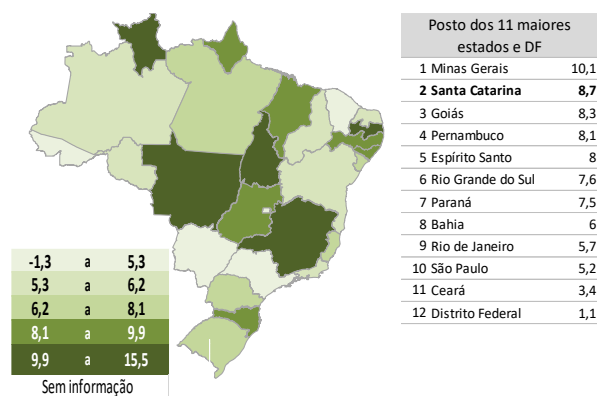
Fonte: IBGE/PIM

VOLUME DE VENDAS DO COMÉRCIO VAREJISTA AMPLIADO (JUNHO)



Fonte: IBGE/PMC

VOLUME DE SERVIÇOS (JUNHO)



Fonte: IBGE/PMS

EMPREGO: CRESCIMENTO SE DESLOCA PARA O CENTRO NORTE DO PAÍS

O ritmo de geração de novas vagas de trabalho formal vem perdendo força no sul e sudeste brasileiro e se desloca para o centro norte do País. Após alta de 4% em 2022, o emprego nos últimos doze meses até julho crescia 2,6% em SC, quando ocupava a décima quarta posição entre os maiores estados. Na média do Brasil, o emprego formal avançou 3,7% no período.

INDÚSTRIA: DESEMPENHO FRACO

A indústria de transformação sofre o impacto da retração do mercado interno brasileiro. Apesar de ter tido algum alívio em junho ao crescer 2,6% na comparação com maio, a indústria estadual teve seis retrações nos últimos doze meses. Nesse período retraiu 3,8%, bem mais que a média brasileira, de -0,2%. Com isso, SC ocupa o 11º posto entre os quatorze estados pesquisados.

COMÉRCIO: SC CRESCER ACIMA DA MÉDIA

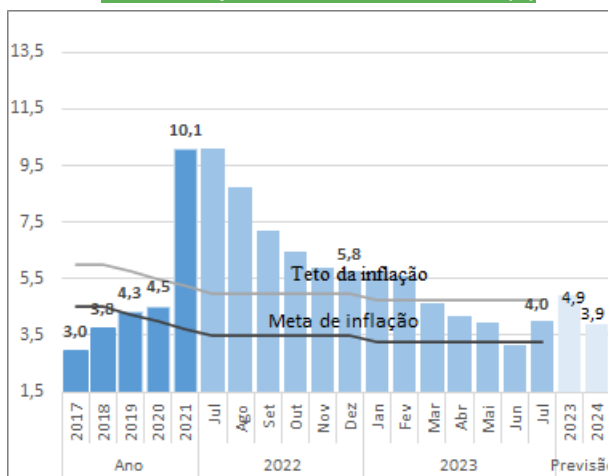
Os juros em patamares elevados e o endividamento recorde das famílias tem sido um grande entrave ao desenvolvimento do comércio. Mas, o varejo ampliado estadual teve um fôlego em junho ao crescer 0,6% após dois meses consecutivos de retração. Na perspectiva de doze meses, o segmento segue crescendo quase o dobro da média brasileira com alta de 2% em SC e 1,1% no País, ainda que essa diferença venha se estreitando nos últimos meses. O varejo estadual ocupa agora o sétimo posto em crescimento nessa comparação.

SERVIÇOS: SC TEM O SEGUNDO MAIOR CRESCIMENTO

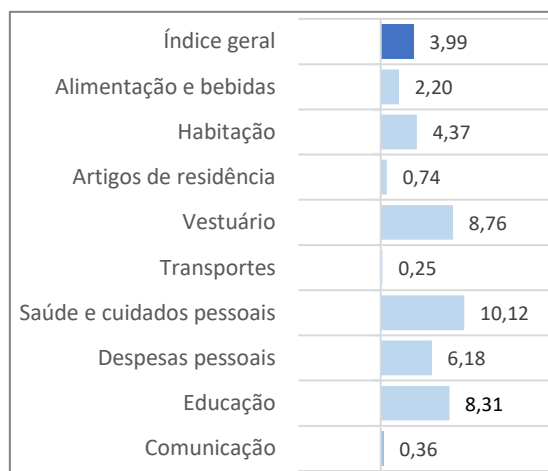
O setor de serviços no Estado continua avançando e com um crescimento robusto, ainda que em nível nacional apresente uma clara tendência de desaceleração. Ao crescer 0,8% na passagem de maio para junho, bem acima dos 0,2% da média brasileira, o crescimento na comparação de doze meses acelerou para 8,7%, enquanto na média dos estados recuou para uma alta de 6,2%. Com isso, SC avançou quatro postos no ranking dos doze maiores estados produtores de serviços e ocupa agora o segundo posto, atrás apenas de Minas Gerais.

8. Outros Indicadores Econômicos – Inflação e Taxa de Câmbio

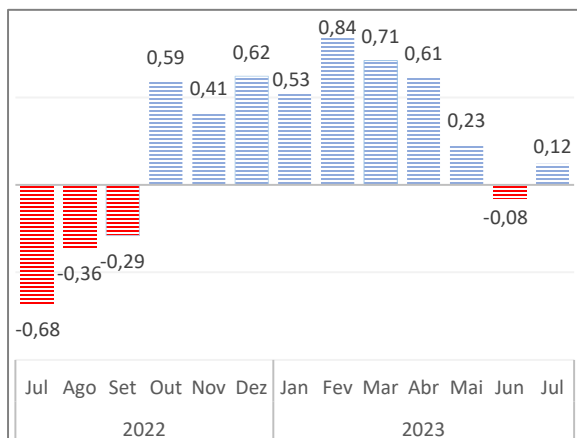
IPCA - VARIÇÃO ACUMULADA EM 12 MESES (%)



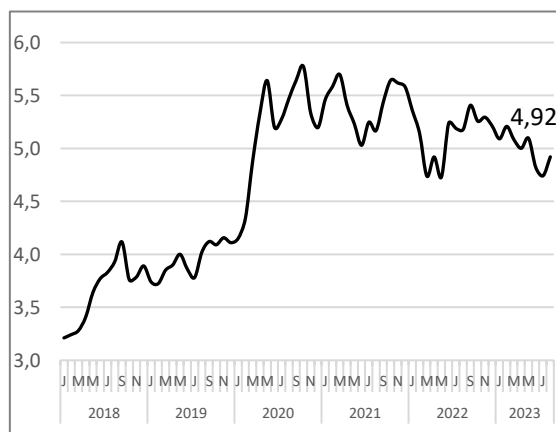
IPCA: VARIÇÃO (%) ACUM.EM 12 MESES POR GRUPO - JULHO



INFLAÇÃO MENSAL (%)



CÂMBIO (R\$/US\$)



Fonte: IBGE/IPCA e Bacen:Boletim Focus

Fonte: Bacen

INFLAÇÃO EM QUEDA PERSISTENTE

O IPCA de julho veio no teto das expectativas. Voltou a subir registrando alta de 0,12%, bem acima da variação de julho de 2022 quando houve deflação (-0,68%). Mas a boa notícia é que a inflação de serviços veio abaixo do esperado. Com esse resultado, acumula alta de 2,99% no ano e de 3,99% em doze meses.

A aceleração de julho foi impactada pela volta da cobrança integral do PIS/Cofins dos combustíveis que havia sido desonerado no segundo semestre do ano passado. O maior impacto do mês, portanto, veio do grupo Transporte, influenciado principalmente pela alta da gasolina.

Dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados, cinco tiveram alta em julho. O maior impacto (0,31 p.p) e a maior variação (1,50%) vieram de Transportes. No lado das quedas, destacam-se os grupos Habitação (-1,01%) e Alimentação e bebidas (-0,46%). Os demais grupos ficaram entre o de Vestuário (-0,24%) e o de Despesas pessoais (0,38%).

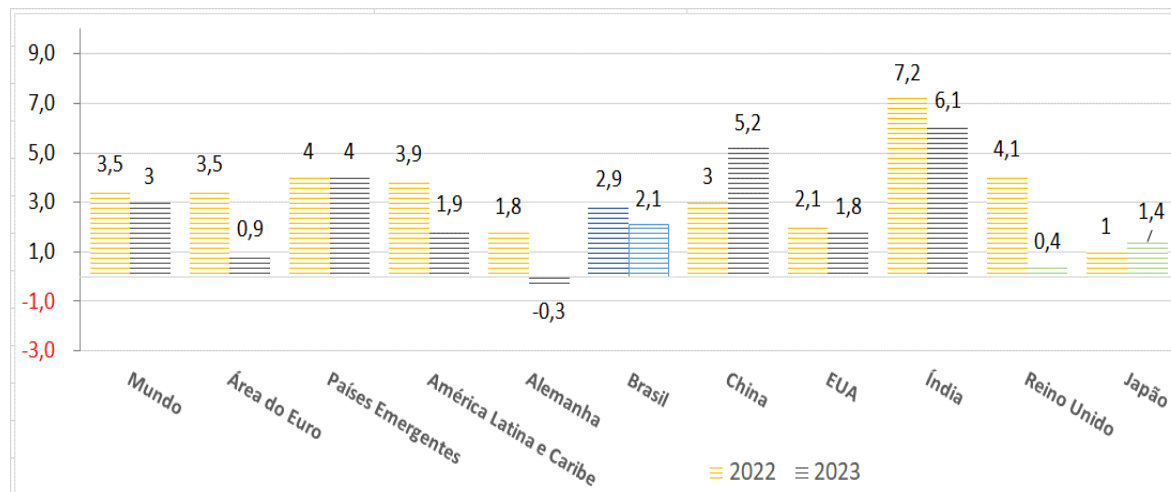
Nos últimos doze meses, o grupo Saúde e Cuidados Pessoais continua como o de maior alta de preços seguido por Vestuário e Educação.

Algumas projeções já apontam o IPCA dentro do intervalo de tolerância do Banco Central no final de 2023. O comportamento do IPCA, entre outras variáveis, permitiu que o Bacen desse início ao ciclo de corte dos juros na reunião do Copom do início de agosto.

CÂMBIO: REAL COMPETITIVO

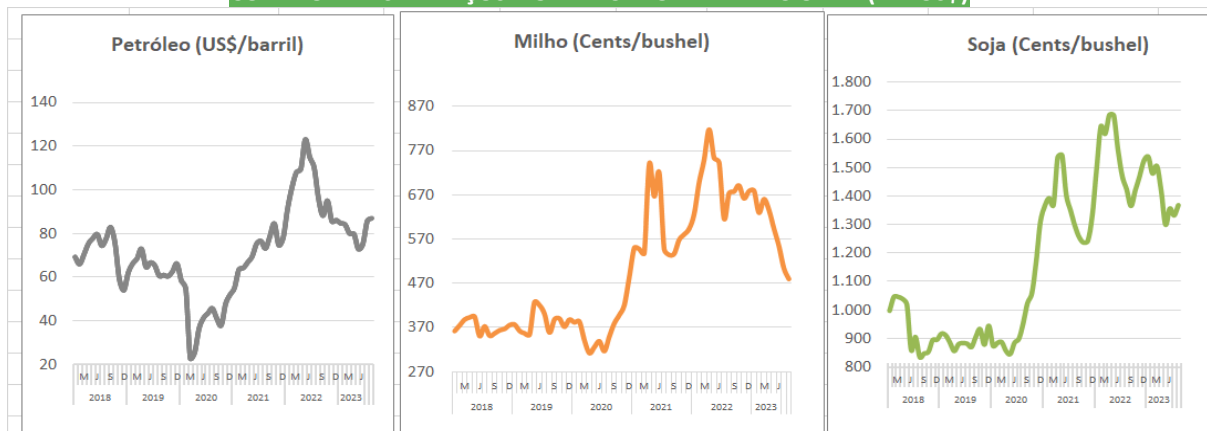
Após dois meses seguidos registrando valorização, o Real desvalorizou quase 4% em agosto. As especulações em torno de uma possível nova alta dos juros nos EUA estão entre as principais causas. Mas o Real acumula uma expressiva valorização ao longo do ano. Contribuiu para isso o patamar elevado da Selic que atrai investimentos do exterior e a expectativa de fim do ciclo de alta dos juros nos EUA que se mantem. Também contribuiu a percepção de melhora na economia brasileira.

9. Economia Internacional



Fonte: FMI - World Economic Outlook Database – Julho de 2023

COMMODITIES – PREÇOS NO MERCADO INTERNACIONAL (EM US\$)



Bloomberg/Investing.com - 31/AGO/2023

O FMI em seu relatório de julho das Perspectivas Econômicas Mundiais, confirma a desaceleração da economia mundial e diferenças entre setores e regiões. Projeta agora que o crescimento passe de 3,5% para 3% entre 2022 e 2023.

Na América Latina e Caribe, a desaceleração deve-se a base alta do pós pandemia, assim como a queda de preços das matérias primas. Atenuou um pouco, a revisão de alta para o Brasil em 2023 – que passou de 0,9% na projeção de abril para 2,1% na de julho, consequência do desempenho da agricultura e dos serviços.

Prevê ainda que o comércio mundial recue de uma alta de 5,2% em 2022 para 2% em 2023, para depois recuperar-se a 3,7% em 2024 (a média entre 2000-19 foi 4,9%). Isso se deve não somente a trajetória da demanda mundial, mas a mudanças de sua composição em direção aos serviços internos, à apreciação do dólar e a crescentes barreiras comerciais.

A alta das taxas de juros seguirá contendo a economia. Prevê que a inflação mundial caia de 8,7% para 6,8% entre 2022 e 2023, mas há risco de seguir elevada e inclusive aumentar caso ocorra novos choques, como um recrudescimento da guerra na Ucrânia ou eventos climáticos extremos. Apesar dos fatores adversos, a economia se mostrou mais resiliente, e o setor de serviços foi o que mais contribuiu. Já a indústria passou por uma desaceleração mais generalizada.

Há prioridade de centrar-se no combate sustentável da inflação e na estabilidade financeira. Os países deveriam fazer reservas fiscais e concentrar apoio aos mais vulneráveis.

COMMODITIES

Após alta explosiva dos preços internacionais das commodities em função da retomada do crescimento mundial pós pandemia e do impacto da guerra na Ucrânia, os preços passam agora por uma acomodação a patamares mais baixos. Nos últimos doze meses até 31 de agosto, o preço do petróleo recuou 1,3% e o do milho 29%. O da soja permaneceu estável (+0,2%).



GOVERNO DE
**SANTA
CATARINA**
SECRETARIA DO PLANEJAMENTO



+55 (48) 3665-1667
www.sc.gov.br

@ /planejamentosc

Endereço:
Centro Administrativo do Governo, Rod. SC 401 - km.5,
n° 4.600, Florianópolis - SC | CEP: 88032-900